



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SEUS CONTRIBUTOS NO
BAIRRO DA HORTA NOVA**

Susana Sofia Nobre Vaz de Elvas

Orientador de Dissertação:

José Ornelas

Coordenador de Seminário de Dissertação:

José Ornelas

Tese submetida como requisito parcial da obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação do Professor José Ornelas, apresentada no Instituto Universitário Superior de Psicologia Aplicada, ISPA, para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária conforme o despacho da DGES, nº 6037/2007 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

Agradecimentos

Gostaria de dedicar este conteúdo do trabalho para agradecer a algumas pessoas e entidades que tornaram possível a realização desta dissertação para a conclusão do meu mestrado em Psicologia Comunitária no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador e coordenador de mestrado, o Professor José Ornelas, pela paciência, dedicação e acompanhamento demonstrado ao longo de todo este processo e por tudo aquilo que me ensinou.

Um apreço muito distinto aos Professores Douglas Perkins e David Perkins pela disponibilidade do instrumento para a recolha dos dados, bem como, os artigos teóricos relevantes nesta área.

Uma palavra em especial aos técnicos responsáveis pelo Gabinete de Bairro da Gebalis da Horta Nova, pela orientação e apoio para a recolha dos dados estatísticos, que tornaram viável todo o trabalho realizado. E a todos participantes entrevistados, que se prontificaram a colaborar na investigação.

Por último ao ISPA e aos professores do Mestrado por me terem proporcionado conhecimentos teóricos e práticos tão importantes ao nível da Psicologia Comunitária

Igualmente e sem menos importância, gostaria de expressar a minha profunda gratidão aos meus pais, à minha família e aos meus amigos por todo o carinho demonstrado no decorrer deste percurso e por esta oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos naquilo que realmente acredito e gosto.

Finalmente um agradecimento muito sentido aos amigos e colegas do mestrado que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Bem-haja a todos,

Resumo

O presente trabalho refere-se a uma investigação sobre o Sentimento de Comunidade num bairro residencial de Lisboa, a Horta Nova. O principal objectivo desta investigação assenta, nos benefícios de um expressivo Sentimento de Comunidade para a organização e envolvimento dos cidadãos nos processos de decisão a favor da comunidade.

A grande pertinência deste estudo assenta no facto de ser realizado em contexto natural, essencial para a intervenção comunitária em bairros sociais, desmistificando idéias e estereótipos em relação a estes bairros, como sendo *focus* problemáticos, onde não existem boas e positivas relações de vizinhança e sentimento de comunidade. Em termos práticos, foi realizada uma investigação com um grupo de 30 participantes dos 15 aos 74 anos de idade, todos residentes na Horta Nova.

Os resultados obtidos demonstram que no Bairro da Horta Nova, apesar de ser um bairro social, relativamente recente na sua vertente de “bairro novo” onde ainda estão em desenvolvimento as relações de vizinhança e identificação ao bairro, a existência de um significativo Sentimento de Comunidade e um apreço no geral em viver no bairro, mas pouca envolvimento dos moradores nos processos comunitários, delegando essa função nas instituições locais e no associativismo do bairro.

Palavras-chave: Comunidade; Sentimento de Comunidade; e Vizinhança.

Abstract

This paper refers an investigation about the Sense of Community in a residential neighborhood of Lisbon, the Horta Nova. The main objective of this research is based on the benefits of a significant sense of community for the organization and involvement of citizens in decision making for the community.

The great relevance of this study to the fact is that is taken in a natural context, crucial for the intervention in social neighborhood, simplifying ideas and stereotypes about these neighborhoods, such as focus issues, where there isn't positive and good neighborly relations and sense of community. In practice, we made a research with a group of 30 participants from 15 to 74 years of age, all living in Horta Nova.

The results show that in Horta Nova, despite being a social-housing, in its relatively recent variant of "new neighborhood" which is still under developing the neighborly relations and identifying the place of residence, exists a significant feeling of community and an appreciation of living in the neighborhood, but are not involved in the community process, delegating this function in local institutions.

Key-Words: Community; Sense of Community; and Neighborhood.

Índice

	Página
Introdução	1
Revisão da Literatura	4
I. Percepção de Comunidade	5
Tipos e Níveis de Comunidade	7
II. Sentimento de Comunidade	9
Elementos do Sentimento de Comunidade	12
III. Relações de Vizinhança, Capital Social e Suporte Social	13
IV. Construção e Benefícios do Sentimento de Comunidade	16
Metodologia	18
I. Tema de Investigação – Objecto e Objectivos	19
II. Questão de Investigação	20
III. Resultados Esperados	20
IV. Universo de Recolha	20
V. População Alvo	23
VI. Instrumento	24
VII. Procedimentos Metodológicos	25
VIII. Cronograma da Investigação	26
Apresentação e Análise dos Resultados	27
I. Caracterização Demográfica da Amostra	27
II. Análise das Categorias do Questionário	28

Conclusões e Reflexões	35
Referências Bibliográficas	42
Anexos	44

Índice Anexos

	Página
ANEXO 1: Bairro da Horta Nova	44
AVEXO 2: Instrumento de Dados	47

Índice Gráficos

	Página
GRÁFICO 1: Idade dos Participantes	27
GRÁFICO 2: Grau de Escolaridade dos Participantes	28
GRÁFICO 3: 1ª Subescala do Sentimento de Comunidade: Integração e satisfação das necessidades	29
GRÁFICO 4: 2ª Subescala do Sentimento de Comunidade: Fazer parte de	30
GRÁFICO 5: 3ª Subescala do Sentimento de Comunidade: Influência	30
GRÁFICO 6: 4ª Subescala do Sentimento de Comunidade: Partilha de ligações emocionais	31
GRÁFICO 7: Categoria Vizinhança	32
GRÁFICO 8: Categoria Percepção dos Problemas do Bairro	32
GRÁFICO 9: Segurança no Bairro	33

Índice Quadros

	Página
QUADRO 1: Tipos e Níveis de Comunidade	8
QUADRO 2: Elementos do Sentimento de Comunidade	12
QUADRO 3: Origem da população realojada no Bairro da Horta Nova	21
QUADRO 4: Tipologia atribuídas no Bairro da Horta Nova	22

O presente trabalho diz respeito a um estudo empírico qualitativo que visa essencialmente aferir o índice de Sentimento de Comunidade existente no Bairro da Horta Nova, um bairro municipal de Lisboa, bem como, os múltiplos benefícios daí resultante para a comunidade. Será por isso interessante perceber na prática o que os autores descrevem acerca dos múltiplos benefícios, quer individuais quer comunitários, aquando a existência de um significativo sentimento de pertença ao bairro de residência.

Trata-se, portanto de uma investigação de carácter exploratório com uma escala quantitativa, para análise e avaliação do Sentimento de Comunidade e das suas variáveis, no que se refere especificamente há existência de relações de vizinhança, de participação na identificação e resolução dos problemas e no associativismo do bairro.

Assim, quanto maior for a intensidade dos elementos que identificam e definem as qualidades específicas do Sentimento de Comunidade, como: *fazer parte de, influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais* em relação a uma comunidade de residência, maior serão os benefícios quer a nível individual, quer a nível comunitário. Assim, a nível individual, podemos citar: maior bem-estar individual; autoconfiança; sentido de justiça; capital social; e participação individual na comunidade; menor sentimento de solidão e isolamento.

Relativamente, aos benefícios de um significativo índice de Sentimento de Comunidade, em termos comunitários, podemos enumerar uma maior colaboração e força comunitária, envolvimento efectivo em organizações políticas, bem como, maior e activa participação dos cidadãos nos processos sociais.

Cada vez mais é possível observar comunidades coesas e organizadas, na resolução dos seus próprios problemas. Esta mobilização e envolvimento comunitário dos cidadãos, nos processos de decisão a favor da comunidade, contribuem significativamente para o aumento do sentimento de identificação e identidade lugar. Contudo só é possível construir comunidades saudáveis, coesas e mobilizadoras, se for dada a oportunidade aos cidadãos de se envolverem nos processos de mudança social, caso contrário assistimos a comunidades pouco *empowerd*.

Assim, os fenómenos resultantes do envolvimento cívico e da participação comunitária no bairro de residência permitem além da real noção de comunidade, resulta num excelente mecanismo para a resolução dos problemas comunitários, para a emergência do sentimento de pertença e para um maior nível de satisfação de vida pessoal, que revelam-se em experiências positivas que protegem a saúde individual, evitando situações de depressão, rejeição pessoal, solidão, comportamentos agressivos, consumo de álcool e abuso de substâncias químicas.

O facto de as pessoas apresentarem um maior sentimento comunidade para com um grupo ou um bairro reflecte-se, num maior sentimento de identificação, controlo e influência sobre o grupo e ligação emocional a este, possibilitando deste modo, uma satisfação real das necessidades tendo em consideração as capacidades do grupo e a história em comum.

Deste modo, em termos práticos, foi realizada uma investigação com um grupo de 30 participantes dos 15 aos 74 anos de idade, sendo 18 pertencentes ao sexo feminino e 12 ao sexo masculino, todos residentes no Bairro da Horta Nova.

Em termos metodológicos, aplicamos neste grupo de participantes, o nosso questionário para a recolha e análise dos dados, que foi uma adaptação e tradução do instrumento utilizado pelos autores Adams Long e Douglas Perkins em 2003 nos EUA. O resultado é um instrumento com várias opções de resposta, todas elas de opção fechada, num total de 54 questões sobre o Sentimento de Comunidade, englobando seis categorias específicas, como, a *satisfação face ao bairro*, o *índice de sentimento de comunidade*, as *relações de vizinhança*, a *percepção dos problemas do bairro*, a *participação em actividades associativas* e a *percepção de eficácia do bairro*.

Relativamente ao modo de administração do questionário, este era aleatório aos moradores do Bairro da Horta Nova, no bairro em contexto natural como a rua.

No geral, os resultados obtidos demonstram que no Bairro da Horta Nova, apesar de ser um bairro de realojamento social, relativamente recente na sua vertente de “bairro novo” onde ainda se encontra em fase de construção e intensificação as relações de vizinhança e a identificação ao lugar, a existência de um significativo Sentimento de Comunidade e um apreço em viver no bairro, mas pouca envolvência dos moradores nos processos de identificação e resolução dos problemas existentes no Bairro, delegando essa função nas instituições locais.

Em termos pessoais é consensual a ideia de que os bairros sociais são alvo de estigma, com características próprias para a guetização e acumulação de situações sociais complexas, contudo e porque são uma realidade, a principal conclusão a se retirar deste estudo assenta na relevância de ser conduzido em contexto natural, essencial para a intervenção comunitária nestes bairros, ajudando a desmistificar ideias e estereótipos em relação a estes bairros, onde ainda é possível encontrar boas e positivas relações de vizinhança e Sentimento de Comunidade.

Contudo e tendo em consideração que são contextos mais vulneráveis onde ainda há bairros sem um significativo índice de identidade lugar, considera-se pertinente, uma maior intervenção comunitária com toda a população, no sentido de se trabalhar uma maior relação com os vizinhos e com o bairro, para a construção e intensificação do sentimento de comunidade e deste modo da satisfação de vida dos indivíduos.

Numa cidade como a de Lisboa, onde existem 67 bairros municipais é cada vez mais urgente reflectir e promover programas de base comunitária adequados nesta área, com uma população, onde é necessário ouvir e dar voz a todos os moradores nos seus mais variados contextos de integração social, neste caso como a habitação.

Iremos abordar ao longo do presente trabalho, conceitos teóricos da área da Psicologia Comunitária para entendermos melhor o conceito de Comunidade; Sentimento de Comunidade; e Relações de Vizinhança.

Frequentemente é possível observar em Portugal exemplos de comunidades cada vez mais organizadas e envolvidas para resolução dos seus próprios problemas, são exemplo disso, as mobilizações a que temos assistido em áreas como: o ambiente, a segurança ou a vontade expressa de influenciar o planeamento dos seus próprios bairros (Ornelas, 1998).

Esta mobilização e envolvimento dos cidadãos em torno dos problemas comunitários numa localidade específica contribuí significativamente para o aumento do sentimento psicológico de comunidade e de identidade lugar. Falar em Sentimento de Comunidade está directamente “relacionado com o fato de se pertencer a um grupo ou uma comunidade, no qual as pessoas se consideram elas próprias como similares, agindo de forma interdependente para a satisfação das suas necessidades” (Prezza & Constantini, 1998, p.181).

À mobilização e ao envolvimento dos cidadãos nos processos de decisão a favor da comunidade denominamos por Participação Comunitária. “A participação comunitária não se resume apenas a um suporte ou a uma ajuda entre membros de um determinado grupo, envolve também o contributo efectivo nas decisões com impacto na mudança social, o que pode acontecer através de formas muito diversificadas, como por exemplo, a qualidade de vida nos bairros, as questões ambientais, as questões de segurança e a prevenção da violência interpessoal” (Dalton, Elias & Wandersman, 2001, p. 6).

Deste modo, o envolvimento cívico e o sentimento de comunidade que se entrecruzam com os mecanismos de participação, *empowerment* e liderança comunitária, a nível local, poderão funcionar como fonte de inspiração para a construção de processos de mudança social numa perspectiva colaborativa (Ornelas, 2002).

A percepção do Sentimento de Comunidade num contexto comunitário específico traz múltiplos benefícios quer a nível individual, onde os membros se sentem bem nos seus contextos sociais, quer a nível comunitário, que contribuí para o desenvolvimento de comunidades sustentáveis e saudáveis, bem como, o desenvolvimento do capital social, através de relações positivas entre vizinhos, família e amigos. Segundo Marybeth Shinn (2007) o capital social é um atributo dos contextos comunitários bem como das zonas de residência.

I. Percepção de Comunidade

Numa investigação sobre um contexto territorial específico, como um bairro, importa reflectir sobre o conceito de Comunidade. A percepção de comunidade não apresenta apenas uma única definição, ao longo dos tempos, vários autores contribuíram com diferentes definições para Comunidade.

O conceito de Comunidade necessário à compreensão real do Sentimento de Comunidade, não apresenta apenas uma única definição e a discussão complica-se pela variedade de contribuições relativas ao termo. São várias as conotações que trazem dificuldades operacionais para a investigação nesta área, nomeadamente no que diz respeito aos vários níveis de análise de comunidade, tais como: *micro sistemas* (e.g. sala de aulas, grupos pequenos, etc.), *organizações* (e.g. local de trabalho, escolas, etc.) e *localidades* (e.g. bairros e vilas) (Sánchez-Vidal, 1998).

Em 1976, Sanders define Comunidade como sendo “um sistema organizado territorialmente, com base num padrão que assenta em criar e desenvolver uma rede de comunicação, partilhar serviços comuns e desenvolver uma identificação psicológica” (cit. por Sánchez-Vidal, 1998, p. 70).

Sarason descreve Comunidade como, “uma rede de relacionamentos prontamente disponível, onde se pode apoiar e depender” (1974, p. 1). Um forte e envolvente Sentimento de Comunidade ajuda a prevenir problemas comuns nas sociedades ocidentais, como a solidão, o isolamento e a alienação resultante de individualismo (Dalton & Elias, 2001). Sarason argumenta que, a “ausência de sentimento psicológico de comunidade é destrutivo para a dinâmica da vida das pessoas em sociedade” (1974, p. 1).

Para Tonnies (1947) “Comunidade é definida como sendo um nível de agregação social, que desde há muito tempo se distingui em formas e níveis de agrupamento ou agregações sociais, que vão piramidalmente desde o indivíduo como sujeito social (pessoa) até aos outros níveis sociais mais altos (instituições). Mais tarde o mesmo autor acrescenta à sua definição de Comunidade, as relações estabelecidas entre os membros, como o resultado de uma vontade natural” (cit. por Sánchez-Vidal, 1998, p. 66).

A apreciação de Comunidade não se focaliza unicamente nos contextos geográficos. Sarason em 1974 utilizou o termo, para se referir a vários contextos e redes sociais,

incluindo as localidades, as organizações comunitárias ou profissionais, as instituições religiosas ou grupos pequenos, desta forma, comunidade diz respeito a todo o tipo de grupos ou organizações que partilham problemas, interesses e recursos, que interagem uns com os outros e que pertencem a um determinado contexto (Ornelas, 2008).

Segundo Heller em 1989 existe pelo menos, dois modelos conhecidos para definir o termo de Comunidade: um diz respeito a uma localidade com referência a uma noção *territorial/geográfica*, onde os membros estão unidos através de um local e onde as relações interpessoais se desenvolvem em função da proximidade, não necessariamente da escolha. Enquanto o outro modelo prende-se com uma comunidade *relacional*, referente à qualidade da interação humana e às ligações sociais que une os indivíduos de um mesmo grupo. No entanto, comunidades geográficas e relacionais são similares no sentido em que ambas são compostas por pessoas, instituições, recursos e serviços.

As pessoas podem pertencer a várias comunidades, simultaneamente. Vários autores têm sugerido que, actualmente as comunidades mais significativas para as pessoas, onde estas encontram as suas fontes de identificação, apoio e pertença, já não são as definidas em termos geográficos, mas sim as comunidades relacionais (Heller, 1989; Hunter & Riger, 1986; Rheingold, 1991, cit. por Ornelas, 2008, p. 62).

No entanto, em determinados contextos geográficos assistimos, a um Sentimento de Comunidade mais significativo, que se desenvolve em função da proximidade, do que o Sentimento de Comunidade que se desenvolve nas comunidades relacionais, em função das relações. O ideal seria conjugar esta dinâmica presente, em comunidades geográficas e relacionais.

Num contexto territorialmente definido, como um bairro residencial, as relações desenvolvem-se em função da proximidade e não necessariamente da escolha pessoal.

Se por um lado, as relações com os vizinhos estão a enfraquecer-se nas sociedades ocidentais, por outro lado, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em comunidades relacionais. No entanto, os conceitos de Comunidade geográfica e Comunidade relacional não são mutuamente exclusivos, na medida em que as organizações e muitos grupos de interesse têm uma base territorial (Dalton, Elias & Wandersman, 2001).

Sentimento Psicológico de Comunidade e Comunidade não sendo conceitos dissociáveis, como já vimos, vários teóricos abordam estes dois conceitos, referindo-se a Comunidade Psicológica. No entanto e como já foi referido, Comunidade sugere que as pessoas em conjunto partilham uma proximidade geográfica, directamente com grupos, vizinhos e estruturas comunitárias. O conceito de 'psicológica' é tradicionalmente concebido em termos individuais, cognitivos, comportamentais, e motivacionais (Dalton & Elias, 2001). Comunidade Psicológica diz respeito às múltiplas reacções entre os indivíduos e a comunidade. A vida dos indivíduos em muitas estruturas sociais, como em contexto comunitário, passa por muitos níveis, como as relações com os colegas de trabalho e/ou escola, o relacionamento com a família, amigos e vizinhos, o envolvimento em associações de voluntariado, bem como, o envolvimento nas congregações religiosas e espirituais. Desta forma, os indivíduos numa Comunidade Psicológica são compreendidos e entendidos em função destas relações e não em separado. “Uma Comunidade Psicológica enfoca não só o indivíduo e o ambiente à sua volta, mas as suas relações com os outros” (Dalton & Elias, 2001, p. 5).

O objectivo final de uma Comunidade Psicológica é compreender e enfatizar a vida dos indivíduos em comunidade e não entende-los em campos opostos. A Comunidade não só promove o desenvolvimento das limitações individuais, como do potencial colectivo, enquanto qualidade de vida para todos os agentes comunitários, através de um subjectivo bem-estar individual e de uma melhor relação em vizinhança (Dalton & Elias, 2001).

Dalton e Elias em 2001 também definiram sete valores essenciais, promovidos por uma Comunidade Psicológica em relação a uma “boa vida” e a uma “boa sociedade”, tais como: o aumento de bem-estar individual; o aumento de sentimento de comunidade; o aumento do sentimento de justiça social; uma maior participação comunitária; uma maior colaboração e força comunitária; um maior respeito pela diversidade humana.

Tipos e Níveis de Comunidade

Sarason (1974, p. 131) utiliza o termo Comunidade para diferentes situações, tais como: localidades, comunidades institucionais e pequenos grupos de trabalho individuais. Este inclui famílias, gangs de rua, amigos, vizinhos, religião, clube, eventos nacionais e formas organizacionais. Na verdade para o autor, este conceito envolve

vários níveis de análise como, por exemplo: micro sistemas, instituições ou organizações e localidades.

Tipos e Níveis de Comunidade	
Tipos	Níveis
<u>Territorial ou Geográfica</u> <u>Relacional</u> <ul style="list-style-type: none"> • Grupos Sociais • Organizações <ul style="list-style-type: none"> - Contextos de trabalho e educacionais - Estruturas colectivas de poder 	<u>Micro sistemas</u> (e.g. grupos de auto-ajuda, sala de aulas, etc.). <u>Organização</u> (e.g. grupos comunitários, religiões, congregações e locais de trabalho). <u>Localidade</u> (e.g. bairro, vizinhança, cidade, vila e aldeia).

Quadro 1 - Tipos e Níveis de Comunidade¹.

No quadro em cima podemos constatar que existem dois tipos de comunidades. Uma mais de carácter geográfico ou territorial, como uma Comunidade Local, que diz respeito a uma definição mais utilizada em Sociologia (e.g. Bernard, 1973) e outra mais abordada em Psicologia Comunitária, como a Comunidade Relacional (e.g. Heller, 1989) onde existe uma distinção clara entre ambas, como já vimos anteriormente.

Uma comunidade sob o ponto de vista de localidade corresponde à tradicional concepção de comunidade, e isto inclui prédios, urbanizações, bairros, pequenas aldeias, regiões rurais e urbanas, onde os laços interpessoais entre os membros da comunidade (residentes) são baseados em função da proximidade e não necessariamente em função da escolha. Neste tipo de comunidades, os amigos são muitas vezes os vizinhos. (Dalton & Elias, 2001).

Uma comunidade sob o ponto de vista relacional é definida pelas relações interpessoais e o Sentimento de Comunidade não é limitado geograficamente, onde estas barreiras são irrelevantes. (Heller, 1989).

Na realidade segundo Dalton e Elias (2001) estes dois tipos de comunidades não são mutuamente exclusivos, ou seja, uma comunidade organizada em função da localidade/proximidade pode ser ao mesmo tempo uma comunidade relacional.

¹ Fonte: Dalton, J. e Elias, M. 2001, p. 191

II. Sentimento de Comunidade

A maior parte das pessoas compreende intuitivamente o significado do Sentimento de Comunidade. No entanto este é uma ideia complexa, composta por vários elementos e longe de ser um conceito ultrapassado, o Sentimento Psicológico de Comunidade ou simplesmente Sentimento de Comunidade, é um conceito sócio-psicológico que dá ênfase à experiência da Comunidade, ou seja, percepção e compreende atitudes e sentimentos de uma Comunidade, bem como, o relacionamento e interações entre pessoas desse mesmo contexto.

“Numa Comunidade relacional o Sentimento de Comunidade implica a ligação e o sentimento de pertença ao grupo. Os membros sentem esse contexto como um espaço seguro, onde podem aprender novas competências e fazer amigos, investir a sua energia e tempo na persecução dos objectivos comuns, sentindo que podem fazer diferença e estabelecendo uma ligação afectiva com essa comunidade e com os seus membros” (Ornelas, 2008, p. 62).

O estudo académico do Sentimento Psicológico de Comunidade teve, a sua origem no ano 1974, quando o psicólogo comunitário Seymour Sarason, o apresentou como sendo o conceito fundamental da Psicologia Comunitária. Ele descreveu o Sentimento Psicológico de Comunidade como, “o sentimento de que fazemos parte de uma rede de relacionamento de suporte mútuo, sempre disponível e da qual podemos depender” (Sarason, 1974, p. 1).

No seu livro Sarason, definiu o Sentimento Psicológico de Comunidade como “a percepção de similaridade com os outros, uma reconhecida interdependência com os membros de uma comunidade, uma vontade em manter essa dependência mútua, dando ou fazendo pelos outros e esperando que façam o mesmo por nós, o sentimento de que somos parte de uma grande e estável estrutura da qual podemos depender e apoiar” (1974, p. 157).

Sarason (1974 e 1986) define o Sentimento Psicológico de Comunidade como o “sentimento de fazer parte de uma estrutura realmente útil, de suporte e de confiança. O sentimento de comunidade transcende o individualismo e mantém-se na interdependência do relacionamento com os outros e as expectativas que temos deles” (Pretty, Andrewes & Collet, 1994, p. 347).

O grande impacto de qualquer Comunidade vem da forma como a percebemos, ou seja, o nosso Sentimento de Comunidade. A teoria e a prática demonstram-nos que

o Sentimento de Comunidade apresenta quatro elementos chaves para a sua compreensão e definição.

Para McMillan e Chavis o Sentimento de Comunidade baseia-se em *quatro elementos* essenciais, que identificam e definem as qualidades específicas do conceito. Estes elementos são definidos da seguinte forma: “o sentimento que os membros têm de pertença, o sentimento que os membros importam para outro membro e para o grupo, e a convicção partilhada de que as necessidades dos membros serão alcançadas através de um compromisso de união” (McMillan & Chavis, 1986, p. 9). É o conjunto destes quatro elementos que ajudam a definir o conceito e que denominam o modelo de Sentimento de Comunidade proposto por McMillan e Chavis em 1986.

O primeiro elemento de Sentimento de Comunidade refere-se ao sentimento de *fazer parte de*, que consiste em partilhar um sentimento pessoal e emocional de segurança e compromisso para com os outros. O facto de se pertencer a algo, garante ao indivíduo uma verdadeira protecção objectiva e/ou uma tranquilidade subjectiva em relação ao outro, que implica uma definição dos limites do grupo (quem pertence e quem não pertence). Segundo McMillan e Chavis existem alguns atributos relevantes para o sentimento de pertença a uma comunidade: o primeiro é referente aos limites necessários para se definir territorialmente, quais os indivíduos que pertencem ou não a um determinado território, o outro é o sistema simbólico comum, que diz respeito aos atributos de posse, ou seja, a simbologia comum ajuda a definir os limites de pertença, bem como, a desenhar do sentimento de integração entre os membros. Os vários símbolos são usados para identificarem os membros de uma comunidade (como por exemplo: o hino de um clube, o emblema de uma associação, um logótipo etc.). Numa comunidade com claros limites, os membros sentem uma segurança emocional ecológica, isto significa segurança ao nível da vizinhança, e uma segurança relacional, que exprime um lugar seguro para se fazer amigos (McMillan & Chavis, 1986).

O segundo elemento de Sentimento de Comunidade, diz respeito à *influência*, que envolve simultaneamente o indivíduo e o grupo, e opera bidireccionalmente, de modo a expressar tanto o poder de influência do grupo sobre os indivíduos, como o poder de influência dos indivíduos sobre o grupo. A *influência* caracteriza as relações recíprocas entre os indivíduos e a comunidade, em termos de habilidade para a mudança social (McMillan & Chavis, 1986). Este segundo elemento de Sentimento de Comunidade que McMillan e Chavis em 1986 definiram, prende-se com a capacidade (*empowerment*) que os membros têm de se motivar e participar num determinado

grupo e conseqüentemente com o nível de coesão deste mesmo grupo, que assim depende, da influência dos membros (McMillan & Chavis, 1986).

O terceiro elemento de Sentimento de Comunidade refere-se à *integração e satisfação das necessidades*: “uma comunidade forte é capaz de manter as pessoas e as unidades de modo a que esta satisfaça as necessidades de todos” (McMillan & Chavis, 1986, p. 13). Esta integração e satisfação das necessidades, diz respeito à partilha de valores entre os membros do grupo, assim como, o câmbio de recursos e serviços para a satisfação e concretização das necessidades individuais dos elementos do grupo. A integração das pessoas num determinado grupo e o cumprimento das suas necessidades caracterizam uma comunidade forte e sustentável (McMillan & Chavis, 1986, p. 12).

O quarto e último elemento de Sentimento de Comunidade diz respeito à *partilha de ligações emocionais*, no que se concerne ao reconhecimento e experiência dos sentimentos do grupo, baseando-se na história partilhada. Não é essencial que os elementos do grupo tenham desempenhado um papel na história da comunidade, de modo a partilhá-la, mas sim, que se identifiquem com ela. A partilha de ligações emocionais reforça o suporte emocional de uma comunidade, que traduzirá por sucesso comunitário. Segundo os autores, este elemento é aquele que realmente define o conceito de comunidade, pois refere-se ao sentimento de reconhecimento, em partilhar as emoções do grupo (McMillan & Chavis, 1986).

Os quatro elementos que integram o conceito de Sentimento de Comunidade “não devem ser estudados separadamente, mas sim inter-relacionados, uma vez que, só podem ser compreendidos através de conceitos relativamente coesos” (Prezza & Constantini, 1998, p. 182).

Com base nos elementos que integram o conceito, as “pessoas apresentam maior Sentimento de Comunidade, pois sentem maior sentimento de pertença, maior sentimento de controlo sobre o grupo e são capazes de influenciarem este, pois acreditam que as suas necessidades podem ser satisfeitas tendo em consideração as capacidades do grupo, e que partilham uma história em comum, sentindo também uma ligação emocional e um investimento do grupo” (Davidson & Cotter, 1991, p. 246).

McMillan (1996) considerou os quatro elementos que definem o sentimento de Comunidade, reafirmados por McMillan e Chavis (1986) e fez um paralelismo com outros quatro elementos. Segundo McMillan (1996) o Sentimento de Comunidade é

considerado como o “espírito ou a alma de pertencer a uma estrutura comunitária que inspira confiança e consciência, que ocupa um benefício mútuo que se torna num conjunto e espírito onde se pode partilhar experiências, que preservem a arte” (McMillan, 1996, p. 315). McMillan (1996) para cada elemento referido em 1986 por McMillan e Chavis, sugere um conceito complementar, assim sendo, para o elemento de *pertença* (McMillan & Chavis, 1986), McMillan (1996) refere *alma ou espírito*; para *influência* refere *confiança*; para *integração e satisfação das necessidades* refere *ocupação* e para a *partilha de ligações emocionais* a *arte*.

Elementos do Sentimento de Comunidade

Elementos do Sentimento de Comunidade	
<u>Fazer parte de</u>	Sentimento de investimento e pertença à comunidade. Este elemento tem cinco atributos: fronteiras; simbologia comum; segurança emocional; sentimento de pertença e identificação com a comunidade; e investimento pessoal.
<u>Influência</u>	A influência/poder de que os membros exercem sob o grupo e é recíproco dentro da dinâmica do grupo, estendendo-se aos outros membros.
<u>Integração e satisfação das necessidades</u>	Corresponde à partilha de valores entre os membros, bem como, a troca de recursos e a satisfação das necessidades individuais entre os membros da comunidade.
<u>Partilha de ligações emocionais</u>	Diz respeito à ligação espiritual baseada na partilha histórica entre membros da comunidade. Este elemento é o que representa a verdadeira comunidade, na partilha de valores e da história.

Quadro 2 - Elementos do Sentimento de Comunidade²

Segundo Gusfield (1975), as comunidades das sociedades modernas desenvolvem-se positivamente pelos interesses e pelo território partilhado e onde o aumento do Sentimento de Comunidade fica a dever-se a duas suposições (cit. por Prezza & Constantini, 1998, p. 182): se existir um elevado Sentimento de Comunidade é mais provável que as pessoas se mobilizem, no sentido de participarem nas soluções dos seus próprios problemas (Francescato & Ghirelli, 1988; cit. por Prezza & Constantini,

² Fonte: MacMilan e Chavis (1986) e McMillan (1996)

1998, p. 182); e se o Sentimento de Comunidade contribui para o aumento da qualidade de vida e bem-estar individual, encoraja para um maior sentimento de identificação e uma maior autoconfiança, facilitando as relações sociais, combatendo a solidão e o isolamento (Martini & Sequi, 1995; cit. por Prezza e Constantini, 1998, p. 182).

III. Relações de Vizinhança, Capital Social e Suporte Social

No estudo de Prezza e seus colegas em 2001, verificou-se fortemente a ligação entre o Sentimento de Comunidade e as relações de vizinhança, mais evidentes em pequenos contextos territoriais e comunitários, sendo que em contextos de maiores dimensões, o Sentimento de Comunidade pode ser influenciado por outras contribuições e variáveis em relação à vizinhança, como o capital social e as redes de suporte social (Prezza, Amici, Roberti & Tesdeschi, 2001). De facto, Prezza *et al.*, acreditam que as “relações sociais de vizinhança contribuem para um maior Sentimento de Comunidade, prevenindo desta forma a solidão e o isolamento promovendo a satisfação de vida” (Prezza, Amici, Roberti & Tesdeschi, 2001, p. 48).

As consequências negativas da urbanização e do desenvolvimento têm aumentado a preocupação dos cientistas sociais em relação à qualidade de vida em contexto de vizinhança. “O enfraquecimento das ligações familiares e de vizinhança nas regiões urbanas tem-se replicado e presumivelmente diminuído o suporte social entre os indivíduos numa determinada área geográfica” (Royal & Rossi, 1996, p. 395).

De facto, “o Sentimento de Comunidade ao nível da vizinhança pode ser construído em vários níveis e em múltiplos contextos particulares” (Kingston, Mitchell, Florin & Stevenson, 1999, p.682). A este nível de pertença e de identificação a um lugar territorial, assim como, os laços de vizinhança que aí se estabelecem, são extremamente importantes para a compreensão e o desenrolar de todo o processo de Sentimento de Comunidade em comunidades concretas, uma vez que, os indicadores de um nível individual de Sentimento de Comunidade serão inadequados para se enquadrar uma intervenção em contexto de vizinhança – talvez as variáveis do nível individual não ilustrem inteiramente os tipos possíveis de intervenção em contexto comunitário (Kingston, Mitchell & Stevenson, 1999, p.684).

Apesar de os “termos vizinhança e comunidade serem comumente utilizados de forma intercambiáveis, os conceitos diferem no sentido em que vizinhança se refere a uma área geográfica específica que é geralmente residencial, onde as pessoas vivem

lado a lado, ou que têm uma relação face a face, que as afectam psico-socialmente, e não pode ser presumido que os residentes da vizinhança interajam, partilhem recursos, possuam poder colectivo, ou mesmo reconheçam que são parte de uma comunidade” (Montero, 2004, cit. por Amaro, 2007, p. 29). Apenas através da avaliação do Sentimento de Comunidade dos residentes de vizinhança, somos capazes de determinar se a vizinhança é também uma Comunidade. Assim, o conceito vizinhança está relacionado com comunidade geográfica através da presença ou ausência do Sentimento Psicológico de Comunidade, ou seja, partilhar um espaço ou lugar não gera, automaticamente uma comunidade, razão porque é importante ter boas medidas do Sentimento Psicológico de Comunidade. Permitindo-nos ter a capacidade de avaliar a extensão, na qual um grupo de pessoas se sente ligadas umas às outras e capazes de exercer influência como poder colectivo de modo a ter as suas necessidades satisfeitas (Amaro, 2007).

Até a data, muitas investigações sobre Sentimento Psicológico de Comunidade utilizou o termo de vizinhança como a unidade de estudo. Este dado pode estar relacionado, com a facilidade de conceptualizar o conceito de Comunidade quando estão presentes fronteiras físicas (Dunham, 1986, cit. por Amaro, 2007). Nesta dimensão “o Sentimento Psicológico de Comunidade é uma variável psicológica que se refere à convicção e às atitudes sobre os vizinhos e os bairros (McMillan & Chavis, 1986), enquanto a vizinhança é uma variável de comportamento que envolve a interacção e a troca de suporte entre vizinhos” (Unger & Wandersman, 1985, cit. por Ornelas, 2008, p. 62).

O conceito de capital social no estudo Australiano, realizado por Tennent, Farrell e Tayler em 2003 refere-se as relações e redes sociais, baseadas na confiança e na reciprocidade e nos benefícios. Vários estudos revelam que as comunidades com elevado capital social, apresentam características de densas e complexas relações sociais, úteis redes de informação, e percepções de estabilidade. “Estas comunidades também apresentam elevados níveis de bem-estar, comparativamente com comunidades com limitações no capital social, com características de alienação, fragmentação, isolamento, intolerância e vulnerabilidade” (Coleman, 1988; Fegan & Bowes, 2004; Jack & Jordam, 1999, cit. por Tennent, Farrell & Tayler, 2005, p. 2).

A revisão da literatura de capital social revela alguns debates teóricos do conceito. Para Bourdieu (1986, 1993) existem várias formas de capital (por ex. social, económico, cultural e simbólico). Para Putnam’s (2000, 1993) a noção de capital social e de redes comunitárias, baseia-se em normas de cooperação, reciprocidade e mútua confiança. Adicionalmente, capital social pode ser visto, como um recurso individual e

colectivo, que providencia benefícios comuns (Goddard, 2003, cit. por Tennent, Farrell & Tayler, 2005, p. 2).

No entanto é consensual, que o capital social é um conceito multidimensional e complexo. O estudo Australiano (Onyx & Bullen, 1997, 2000) revela que capital social é fixo segundo sete dimensões, que incluem: a participação na comunidade local; as relações de vizinhança, as relações familiares e de amizades, a proactividade em contexto social, o sentimento de confiança e segurança, a tolerância à diversidade, e o valor pela vida (Ornelas, 2008).

Referir capital social e Sentimento de Comunidade diz respeito ao sentimento de pertença a um grupo de relações e redes sociais. “A ausência de Sentimento de Comunidade produz sentimento de alienação, solidão e de isolamento” (Farrell, Aubry, & Coulombe, 2004; Sarason, 1977, cit. por Tennent, Farrell & Tayler, 2005, p. 4), “quanto maior for o sentimento de comunidade, mais relacionado está, como bem-estar, *empowerment*, sentimento de eficácia, satisfação e felicidade com a vida (Chavis & Wandersman, 1990; Davidson & Cotter, 1991; Martinez, Black, & Starr, 2002; Prezza, Amici, Roberti, & Tedeschi, 2001; Sonn, 2002, cit. por Tennent, Farrell & Tayler, 2005, p. 4).

Assim sendo, fortemente associado à ideia do Sentimento de Comunidade está então o conceito de capital social (Putnam, 2000). Segundo o mesmo autor (2000) as comunidades que têm um capital social, incluindo um leque de organizações comunitárias e redes sociais (suporte social), têm também a ideia de bem comum, identidade comunitária, participação cívica e normas de confiança e reciprocidade que facilitam a acção cooperativa entre redes de cidadania e instituições. Este capital social é distinto do capital físico e do capital humano. “Enquanto o capital físico se refere a objectos físicos e o capital humano se refere às qualidades dos indivíduos, o capital social diz respeito às ligações entre os indivíduos – às redes sociais (suporte social) e às normas de reciprocidade e confiança que emergem dessas ligações numa comunidade (Putnam, 2000, cit. por Ornelas, 2008, p. 67).

As comunidades com elevado capital social são caracterizadas pela densidade e complexidade das relações, das redes de informação, da percepção de estabilidade e suporte social. Assim, o capital social pode ser definido como a matéria em bruto da sociedade civil, criada pela multiplicidade das interacções quotidianas entre as pessoas, não se localiza nos indivíduos nem nas estruturas sociais, mas no espaço entre as pessoas, recursos e serviços (Ornelas, 2008).

Segundo Onyx e Bullen (1997 e 2000), se procurarmos aprofundar o entendimento acerca do capital social, devemos ter atenção às dimensões, já referidas, como os índices de participação na comunidade local, as relações de vizinhança, as tipologias de relações familiares e de amizade, o sentimento de segurança e de confiança, a tolerância à diversidade e, ainda, o valor atribuído à vida, sendo que todos estes devem ser analisados em termos de orientação para a proactividade em contexto social (cit. por Ornelas, 2008, p. 67).

Na opinião de Ornelas (2008) a Psicologia Comunitária ainda não dedicou muita atenção a este tema, no entanto, existem muitos elementos comuns entre o conceito capital social, a participação cívica e sentimento de comunidade, áreas amplamente estudadas por este ramo da psicologia. Como referem Nelson e Prilleltensky (2005), a grande diferença entre o sentimento de comunidade e o capital social está no nível de análise. “Enquanto o sentimento de comunidade é tipicamente medido e discutido ao nível do grupo ou do bairro, a investigação sobre o capital social olha para os resultados da coesão”. Outros psicólogos comunitários, como Douglas Perkins, Joseph Hughey e Paul Speer (2002) sugerem que o capital social seja analisado nos vários níveis, não apenas ao nível das redes institucionais e comunitárias. Segundo os autores, o capital social, ao nível dos indivíduos, consiste em quatro dimensões: sentimento de comunidade, vizinhança, participação dos cidadãos e eficácia colectiva ou *empowerment* (cit. por Ornelas, 2008, p. 68).

Long e Perkins (2003) descrevem o Sentimento de Comunidade como um dos aspectos do capital social, em paralelo com outros conceitos como sentimento de eficácia relativamente à organização de acções colectivas, relações informais de vizinhança e participação em organizações.

IV. Construção e Benefícios de Sentimento de Comunidade

“A ideia de que pertencemos a uma comunidade e que esta comunidade providencia benefícios e responsabilidades têm ganho na última década consideráveis apreciações.” (Bess; Fisher Sonn & Bishop, 2002, p. 3)

Segundo Bess *et. al.* para muitos autores a ideia de Comunidade envolve a imagem de uma pequena comunidade ou de uma área de vizinhança fechada, onde as pessoas se conhecem bem umas às outras, já são residentes há algumas gerações e providenciam suporte emocional e instrumental para as outras pessoas da comunidade, (2002, p. 3)

A construção de Sentimento de Comunidade alerta para a importância do estabelecimento de relações de vizinhança como se verificava no passado e hoje em dia, em áreas rurais, que ajuda a trazer benefícios colectivos, nomeadamente para as crianças, jovens e idosos. Em tempos mais longínquos, os vizinhos despendiam de mais tempo, para em conjunto conhecerem-se uns aos outros, acabando as crianças por privilegiarem desse relacionamento, pois podiam brincar na rua (em contexto comunidade) e terem os adultos vizinhos a olharem e a tomarem conta deles. Nesses tempos, fazia-se um esforço adicional para tornar os vizinhos em amigos e os amigos em vizinhos.

Desta forma, a melhoria das relações de vizinhança entre os vizinhos residentes num espaço comum, trará sem dúvida uma construção de Sentimento de Comunidade, que se poderá reflectir em benefícios individuais e colectivos.

Em ambas as comunidades geográficas e relacionais, o forte Sentimento Psicológico de Comunidade parece estar associado a uma variedade de resultados positivos para os indivíduos e comunidades. Como os vários exemplos dos seguintes autores. Dalton *et al.* (2007) elaboraram a seguinte relação: comportamento de vizinhança e trabalho em conjunto em projectos de vizinhança (e.g., Farrel *et al.*, 2004; Garcia *et al.*, 1999; Perkins & Long, 2002; Prezza *et al.*, 2001, cit. por Amaro, 2007, p. 31); participação em grupos de vizinhos e em instituições religiosas (e.g., Brodsky *et al.*, 1999; Hughey *et al.*, 1999; Kingston *et al.*, 1999; Perkins & Long, 2002, cit. por Amaro, 2007, p. 31); acreditar que desenvolver trabalho com os outros para a acção comunitária pode ser eficaz (e.g., Perkins & Long, 2002, Peterson & Reid, 2003; Speer, 2000, cit. por Amaro, 2007, p. 31); votar em eleições (Davidson & Cotter, 1989, 1993), comunidades com elevados índices participação em actos eleitorais (Brodsky, 2003; Sonn & Fisher, 1996, 1998, 2003, cit. por Amaro, 2007, p. 31); ensino e aprendizagem cooperativa nas escolas (Batteman, 2002; Royal & Rossi, 1996; Solomon *et al.*, 1996, cit. por Amaro, 2007, p. 31); formação e identidade dos adolescentes (Pretty, 2002; Pretty *et al.*, 1994, 1996, cit. por Amaro, 2007, p. 31); bem-estar individual, saúde mental, e diminuição do abuso de substâncias (e.g. Farrel *et al.*, 2004; Ferrari *et al.*, 2002; Pretty *et al.*, 1994, 1996; Prezza *et al.*, 2001, cit. por Amaro, 2007, p. 31).

Neste capítulo vamos abordar toda a metodologia utilizada ao longo desta investigação, no que diz respeito, ao tema de investigação – objecto e objectivos; questão de investigação; resultados esperados; universo de recolha; população alvo; instrumento; procedimentos metodológicos e cronograma da investigação. Contudo, tendo em consideração que se trata de um estudo na área da Psicologia Comunitária, será necessário contextualizar aquilo que entendemos por Ciência Comunitária.

Sobre ciência Sarason (2003) discutiu moral e psicologicamente a Psicologia Comunitária enquanto ciência científica. Por outro lado, Kelly (2003) debateu o rigor, a clareza e a precisão científica da Psicologia Comunitária. Enquanto, Price e Behrens (2003) analisaram ciência como uma oportunidade criativa para o intercâmbio entre a investigação e a acção no que diz respeito às questões do bem-estar comunitário, cooperação social e a mudança comunitária.

A Psicologia Comunitária tem enfrentado ultimamente, novos desafios no que diz respeito, à sua consolidação científica, através da conceptualização da ciência comunitária, contrariando o fosso entre a ciência e a prática e a importância de modelos centrados na comunidade, como uma ponte de entrada, para um vasto campo interdisciplinar nesta área.

Wandersman (2003, p. 227) ilustra ciência comunitária como um “campo que desenvolve pesquisas comunitárias centradas em modelos que permitem intervenções mais eficientes e eficazes.” Prestando assim, um excelente contributo à Psicologia Comunitária, ao definir ciência comunitária como sendo uma ferramenta de apoio à prática. Sendo que neste pressuposto, a comunidade é vista como, um lugar ideal para planear, programar e avaliar um leque de intervenções destinadas a resolver os problemas comunitários.

A Ciência Comunitária está intrinsecamente ligada aos valores da Psicologia Comunitária, tais como: o bem-estar individual; o sentimento de comunidade; a justiça social; a participação comunitária; a colaboração; o respeito pela diversidade e a importância dos contextos (Ornelas, 2008). Dado que o principal objectivo da ciência comunitária é a, promoção do *empowerment* comunitário e, conseqüentemente a construção de comunidades capazes e sustentáveis, os resultados da investigação, não têm somente implicações teóricas, mas também práticas, para os indivíduos e para as comunidades.

Tal como numa ciência e numa disciplina prática, os “psicólogos comunitários tem um duplo interesse: (a) avançar para a sistemática compreensão das relações dos indivíduos com as comunidades e (b) colaborar com uma possível mudança para, os problemas comunitários.” (Wandersman, 2003, p. 207).

Todavia aquilo que distingue a ciência das outras formas de obter o conhecimento é a constatação de que ela se baseia numa metodologia. Esta é um sistema de regras e procedimentos explícitos, que tem como função estabelecer normas de comunicação, de raciocínio e métodos de observação e verificação. Assim, o conhecimento tem de ser conforme a metodologia adoptada, caso contrário não é científico, válido e verdadeiro, sob pena de ser rejeitado se não obedecer às regras e aos procedimentos da mesma. Para que a presente investigação seja correctamente analisada é necessário dar a conhecer a metodologia utilizada.

I. Tema de Investigação – Objecto e Objectivos

De acordo com a revisão da literatura efectuada, a percepção de identidade lugar ou simplesmente o Sentimento de Comunidade para um determinado lugar ou comunidade, traz vários benefícios quer a nível individual quer a nível colectivo para um dado bairro. Ao nível individual, constatamos que quanto maior é o índice de Sentimento de Comunidade, maior será a percepção de suporte e capital social. A nível comunitário verificamos que quanto maior é o índice de Sentimento de Comunidade, maiores serão os benefícios para a comunidade.

Ou seja, McMillan e Chavis em 1986 (p.10) identificaram e definiram as qualidades específicas do sentimento de comunidade em quatro elementos essenciais, tais como: *o fazer parte de; a influência; a integração e satisfação das necessidades e a partilha de ligações emocionais*. E assim sendo, a um nível individual e também colectivo, quanto maior forem estes quatro indicadores maiores será a percepção de capital social, através da relação com o *ambiente envolvente*; com a *família*; com os *amigos*; com os *vizinhos*; com a *escola/trabalho* e a própria relação com o *próprio*.

Desta forma, como objectivo principal da presente investigação, temos a análise e avaliação do índice de Sentimento de Comunidade num bairro de Lisboa, a Horta Nova, no que diz respeito, à *satisfação face ao bairro*, às *relações de vizinhança*, à *percepção dos problemas do bairro*, à *percepção das actividades associativas* e à *percepção de eficácia do bairro*.

II. Questão de Investigação

Como pergunta de partida, será necessário avaliar previamente, a existência ou não de Sentimento de Comunidade no Bairro da Horta Nova. Verificada a existência deste índice, indagar se o suporte adquirido do contexto e agentes comunitários está ou não relacionado com o fato de as pessoas considerarem que fazem parte integrante do bairro, na identificação e resolução dos problemas do mesmo. Posto isto, verificar os múltiplos benefícios existentes, quer individuais, quer comunitários através da percepção de um significativo Sentimento de Comunidade.

III. Resultados Esperados

Tendo em consideração que iremos estudar um contexto comunitário territorialmente definido, como um bairro residencial e como vimos na parte teórica, onde as relações interpessoais e interinstitucionais se desenvolvem em função da proximidade territorial e também da escolha relacional, circunstâncias ideais à emergência do Sentimento de Comunidade esperaram encontrar um significativo sentimento de identidade lugar no bairro, favorável à emergência do suporte e capital social entre vizinhos, família, amigos, instituições e contexto comunitário.

Creemos que são estas investigações que poderão posteriormente, dar início a intervenções positivas de base comunitária na identificação, envolvimento e resolução de problemas existentes no bairro.

IV. Universo de Recolha

Segundo a empresa municipal que faz a gestão dos bairros municipais de Lisboa, a Gebalis EEM, a cidade tem 67 bairros sociais com cerca de 25 mil casas onde habitam 87 mil pessoas. Para a corrente investigação, a amostra irá incidir num grupo de 30 participantes, todos eles moradores do Bairro da Horta Nova, (ver anexo 1).

O Bairro da Horta localiza-se no quadrante noroeste da cidade de Lisboa e no extremo sudeste da freguesia de Carnide. Está situado na zona ocidental da cidade de Lisboa. A origem do Bairro da Horta Nova remonta a 1973/74, quando o programa das “casas para famílias pobres” suportou a construção de um bairro provisório. Este tinha como propósito a urgente e prioritária necessidade de iniciar uma acção sistemática, que conduzisse ao desaparecimento das barracas do concelho de Lisboa, já que as

mesmas haviam duplicado o seu número entre 1960 e 1970. No entanto, este objectivo não chegou a ser concretizado, uma vez que, se alguns lotes foram distribuídos legalmente, segundo os critérios da Câmara, outros houve que foram ocupados indiscriminadamente, havendo mesmo casos extremos de famílias que se instalaram nos alicerces das futuras casas acompanhando a sua conclusão. Estas famílias eram, não só, oriundas do local do realojamento, como também de outros pontos da cidade, que para aí foram atraídas, pela hipótese de “arranjar” uma casa.

O bairro provisório era constituído por casas pré-fabricadas, unifamiliares, germinadas de R/C e 1.º andar, dispostas em várias ruas. Se inicialmente, esta era uma construção temporária, o que se veio a verificar foi um prolongamento por cerca de 20 anos, que acabaram por evidenciar a precariedade das habitações provisórias, levando à extrema necessidade de realojar a população em habitações condignas. O mesmo veio a suceder dando origem ao actual Bairro da Horta Nova.

O novo Bairro da Horta Nova surgiu do P.I.M.P (Programa de Intervenção Médio Prazo), tendo como critério base que, as habitações a construir destinavam-se às famílias residentes em barracas e em casas provisórias da Câmara, a habitar prédios em risco de ruína; a viver em alojamentos com níveis elevados de sobreocupação, a desalojar em virtude da realização de obras de infra-estruturas e de renovação urbana (construção do Eixo rodoviário fundamental: Eixo Norte-Sul).

No caso do Bairro em análise, pode-se falar num realojamento predominantemente local, uma vez que, grande parte da população a realojar provinha do antigo Bairro da Horta Nova e somente uma pequena percentagem de famílias dispersas, provenientes de várias zonas da cidade de Lisboa. A origem da população realojada pode ser comprovada pelo seguinte quadro³.

Locais de Residência Habitual	N.º de Habitações			Totais
	Bairros Camarários Precários	Barracas	Desdobramentos p/ sobreocupação	
Antigo B.º Da Horta Nova	354		53	407
Barracas implantadas na		30		30

³ Relação de Barracas numeradas da Cidade de Lisboa: CML – DCH – Departamento de Construção de Habitação, Lisboa, 1990.

zona do novo B.º				
Núcleos diversos		90		90
Totais	354	120	53	527

Quadro 3 - Origem da população realojada no Bairro da Horta Nova

O P.I.M.P. dividiu a sua intervenção em duas fases. A primeira fase do realojamento iniciou-se em 1990-1991, com a atribuição de 247 fogos (23 edifícios), e a segunda fase decorrendo de 1991-1993, com a entrega de 237 fogos (22 edifícios). Relativamente às tipologias da habitação, estas distribuem-se da seguinte forma:

Tipologias	1.º Fase (Dez. 1991) N.º de Fogos	2.º Fase (Março 1993) N.º de Fogos	Totais
T1	15	15	30
T2	80	99	179
T3	118	93	211
T4	34	30	64
Totais	247	237	484

Quadro 4 - Tipologias atribuídas no Bairro da Horta Nova

Quanto às características do espaço construído, o conjunto habitacional do Bairro da Horta Nova, é assim constituído por 45 edifícios multifamiliares de cinco pisos, agregados em três grandes blocos. Compreende um total de 484 fogos com as tipologias T1 a T4. Dos 45 edifícios dos bairros, 37 têm dois fogos por andar (lotes A, B e C), e os restantes 8 agrega quatro fogos por piso, (lotes R).

O Bairro da Horta Nova apresenta-se bem integrado na malha urbana de Lisboa, inclusive em urbanizações privadas e da E.P.U.L. (Empresa Publica de Urbanização de Lisboa) contrastando com uma lógica de construção “endógena”, virado para si próprio, a partir de um núcleo interno, criando condições para a guetização deste espaço em proporções consideráveis, inserido na Freguesia de Carnide, onde se verificam maiores contrastes económicos e sociais. Carnide é uma freguesia marcada pelas diversidades e singularidades, entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, o urbano e o rural, com zonas dispersas e desarticuladas funcional e urbanisticamente.

Em termos de acessibilidades, o bairro está bem servido, quer por uma boa rede viária, quer por transportes públicos, desde autocarros, ao metro (Estação de Carnide e Telheiras) levando a uma maior integração social dos seus moradores.

Para além dos cerca de dezanove estabelecimentos comerciais⁴ que asseguram o abastecimento quotidiano da população, estão sediadas no Bairro estruturas de apoio, com âmbitos de actuação bastante diversificados, o que contribuí substancialmente para a melhoria da qualidade de vida da população. Comprove-se o referido com a seguinte listagem: Associação de Guardas Nocturnos; Associação de Pais da Escola N.º 134; Associação Nacional de Enfermeiros; Cooperativa – “Horas de Sonho”; Escola 1º Ciclo e Jardim de Infância, N.º134; Federação Portuguesa de Táxi; GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, sediado na escola N.º 134; Grupo de Acção Comunitária – Sol Nascente; Junta de Freguesia de Carnide – ATL e Centro de Acolhimento Infantil Comunitário; Juventude Horta Nova – Futebol Clube (Associação Juvenil); PROACT – Grupo de Jovens: “Tetra Jovens” (associação Juvenil); PROACT – Grupo de Trabalho Comunitário do Bairro da Horta Nova (Empresa de Inserção do Prof. Roque Amaro); Grupo Comunitário da Horta Nova – Associação de Moradores do Bairro Horta Nova (APOD); Gabinete de Gestão de Bairro (Gebalis); Parque de Jogos; Parque Infantil e Polícia de Segurança Pública.

Depois de apresentadas as características do espaço construído quanto à sua dimensão, arquitectura, integração na malha urbana e equipamentos que possui, vamos analisar as características da sua população.

V. População Alvo

A mais recente caracterização sócio-demográfica do Bairro da Horta Nova foi elaborada pelo Observatório Social Local de Carnide, sob orientação do Professor Rogério Roque Amaro, em 1999. Estamos cientes que decorridos 10 anos, estes dados estarão provavelmente desactualizados, contudo este é o estudo mais recente sobre o Bairro da Horta Nova.

Da caracterização elaborada pelo Professor Roque Amaro, apurou-se que 92% dos moradores são de nacionalidade Portuguesa, 7.4% Africana e 0.6% de outros países,

⁴ 5 cafés; 1 talho, 1 padaria, 1 cabeleireiro, 1 loja de acessórios para electrodomésticos, 1 mercearia, 2 escritórios, 1 retrosaria, 1 peixaria, 1 sapateiro, 1 loja dos 300's, 1 barbeiro, 1 charcutaria/frutaria, 1 papelaria.

correspondendo à seguinte origem étnica: 78.9% são lusos (brancos), 16.7% são africanos, 3.9% ciganos e 0.6% de outra etnia.

O tipo de família predominante é a nuclear com 54.8%; 19.5% são famílias monoparentais femininas; e 3.5% de avós com netos a cargo.

Ao nível da estrutura etária, a população é bastante jovem, com uma média etária na ordem dos 29 anos de idade, em idade activa sem integração profissional.

Este último ponto aponta-nos para um grande número de indivíduos em idade activa. Deste modo, verificam-se cerca de 38% dos indivíduos trabalhadores, 24% estudantes, 10% desempregados, 9% pensionistas, 10% menores, 5% domésticas, 2% trabalhadores-estudantes e cerca de 2% encontra-se a cargo da família.

A taxa de analfabetismo entre a população moradora no bairro é de aproximadamente 23%. O ensino primário é o grau atingido por cerca de 40% da população com mais de 15 anos. No caso do ensino preparatório, este representa para 20% dos indivíduos o nível de escolaridade adquirido. Já com menor expressividade surgem os graus de ensino unificado (13.8%), o 12º ano (2.9%), ensino médio (0.5%) e o ensino superior (0.2%).

Em termos de problemáticas de índole social, destacam-se como situações mais eminentes: o consumo e tráfico de droga, a marginalidade, o vandalismo, o insucesso escolar, a falta de ocupação de tempos livres, a discriminação racial, os conflitos de vizinhança.

VI. Instrumento

O instrumento utilizado na presente investigação e para proceder à recolha e análise dos dados, é um questionário construído por Adams Long e Douglas Perkins em 2003 nos EUA, (ver anexo 2). Este questionário serve essencialmente para medir o índice de Sentimento de Comunidade nas suas variadas vertentes como: *a satisfação residencial; o sentimento de pertença; as relações de vizinhança; a percepção dos problemas do bairro; a participação comunitária; e a percepção da eficácia do bairro.*

Em termos de investigação este modelo, de auscultação da comunidade, “é muito útil para compreender os factores, mecanismos e estruturas que contribuem para a coesão dos grupos e comunidade” (Felton & Shinn, 1992, cit. por Ornelas, 2008, p.61).

VII. Procedimentos Metodológicos

Relativamente, ao modo de administração do nosso questionário, este era aplicado aleatoriamente aos moradores da Horta Nova, no bairro em contexto comunitário como a rua, onde o investigador procedia à recolha dos dados demográficos e às questões do questionário, cabendo aos participantes responderem de forma fidedigna. Para esta investigação atingimos um N=30 indivíduos. Não alcançando a representatividade da população do Bairro da Horta Nova, tendo em consideração que no Bairro existem cerca de 484 agregados familiares, o que em termos de indivíduos represente um valor muito superior. Após recolha dos dados, proceder ao tratamento e análise dos mesmos, para posterior apresentação e discussão dos resultados.

Esta investigação decorreu num período temporal de um ano lectivo, de 2008 a 2009, o que determinou o número da amostra. No entanto, tivemos que obedecer a um cronograma de investigação apresentado no quadro em baixo.

VIII. Cronograma da Investigação

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Setembro	Outubro	Novembro
Pesquisa Bibliográfica e Revisão da Literatura										
Procedimentos Metodológicos										
Recolha de Dados										
Análise e Tratamento Estatístico										
Conclusões e Reflexões Finais										

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

I. Caracterização Demográfica da Amostra

A amostra do nosso estudo é composta por 30 participantes no total, moradores do Bairro da Horta Nova, 18 do sexo feminino (60%) e 12 do sexo masculino (40%). O escalão etário mais predominante situa-se entre os 55 e os 64 anos de idade (27%), em seguida do escalão etário entre os 45 e os 54 anos de idade (23%), sendo que o escalão minoritário situa-se entre os 65 e os 74 anos (3%). O escalão dos jovens, ou seja, aqueles que se encontram entre os 15 e os 24 e os 25 e 34 anos de idade corresponde a nove participantes cada um. Sendo assim possível constatar que a nossa amostra é maioritariamente composta pessoas entre os 45 e 64 anos de idade, (ver gráfico N.º 1).

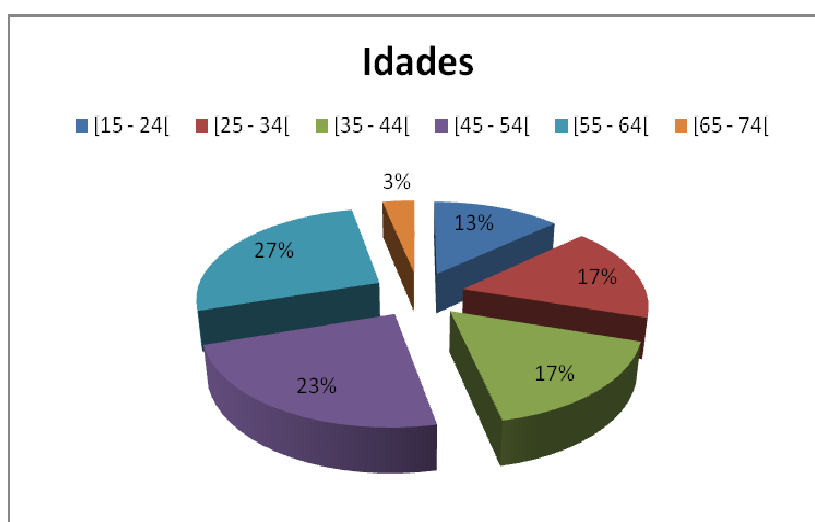


Gráfico 1 – Idades dos participantes

Relativamente à nacionalidade dos participantes, a maioria é Portuguesa com 23 sujeitos (77%) e os restantes dividem-se entre a cabo-verdiana (13%) e a angolana (10%).

No que diz respeito, ao grau de escolaridade dos participantes, a maioria (10 indivíduos – 33%) tem menos que o 1º ciclo, ou seja, menos que antiga chamada 4ª classe, em seguida daqueles que possuem o 1º ciclo (27%). Apenas três indivíduos (10%) têm ou estão a frequentar o secundário, (ver gráfico N.º 2).

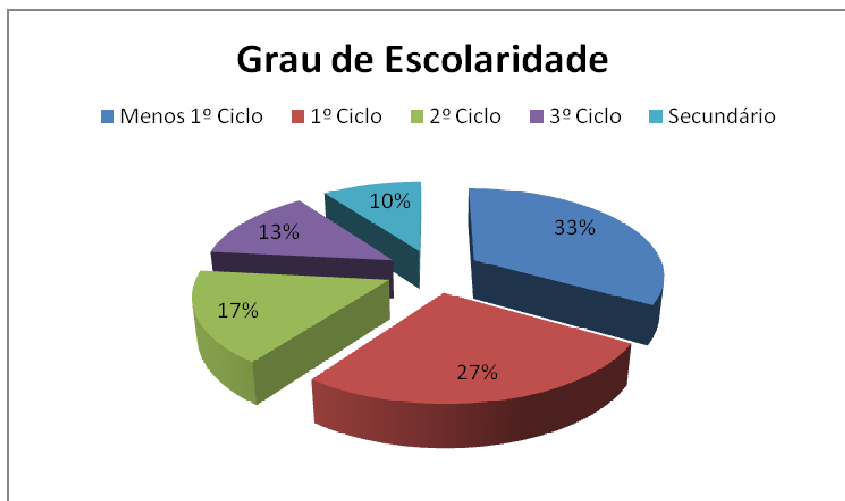


Gráfico 2 – Grau de escolaridade dos participantes

A grande maioria da amostra reside no Bairro Horta Nova há mais de 10 anos, correspondente a 23 sujeitos (77%), cinco sujeitos entre os 5 e 10 anos e dois há menos de 2 anos.

II. Análise das Categorias do Questionário

O nosso questionário de investigação é composto por 54 questões no total subdivididas em 6 categorias: *satisfação face ao bairro*; *sentimento de comunidade*; *vizinhança*; *percepção dos problemas do bairro*; *percepção das actividades associativas* e *percepção de eficácia*, (ver anexo 2).

1. Satisfação face ao Bairro

Na primeira categoria do questionário, *Satisfação face ao Bairro*, que contempla a 1ª, 2ª e 3ª questão, constatamos que os participantes consideram que o Bairro de uma forma geral é um bom sítio para viver, comparando com outros que os participantes conhecem (70%), que nos últimos dez anos as condições gerais do bairro, como a segurança, higiene, etc. melhoram (67%) e 47% da amostra considera que nos próximos dois anos as condições gerais vão melhorar e a mesma percentagem considerar que irão permanecer na mesma. Regista-se que apenas duas pessoas consideram que as condições gerais do bairro pioraram nos últimos dez anos e que vão piorar nos próximos dois anos. De uma forma geral, a grande maioria das pessoas da nossa amostra, sente-se satisfeita no Bairro onde vivem.

2. Sentimento de Comunidade

Em relação à segunda categoria, *Sentimento de Comunidade*, esta é constituída por 12 questões (da 4ª à 15ª questão), sendo que dentro desta categoria existe quatro subescalas, que correspondem aos elementos de análise e interpretação do Sentimento de Comunidade, como verificamos no capítulo teórico, são elas:

- *Integração e satisfação das necessidades* (4ª, 5ª e 6ª questão);
- *Fazer parte de* (7ª, 8ª e 9ª questão);
- *Influência* (10ª, 11ª e 12ª questão);
- *Partilha de ligações emocionais* (13ª, 14ª e 15ª questão).

No que concerne à subescala referente à *integração e satisfação das necessidades*, verificamos pelo gráfico em baixo que é possível observar que a grande maioria da amostra considera satisfeitas as suas necessidades no que diz respeito à vivência no bairro, considerando que é um bom sítio para viver, que há partilha dos mesmos valores entre os restantes residentes e que os vizinhos partilham o mesmo desejo do melhor para o bairro, (ver gráfico N.º 3).

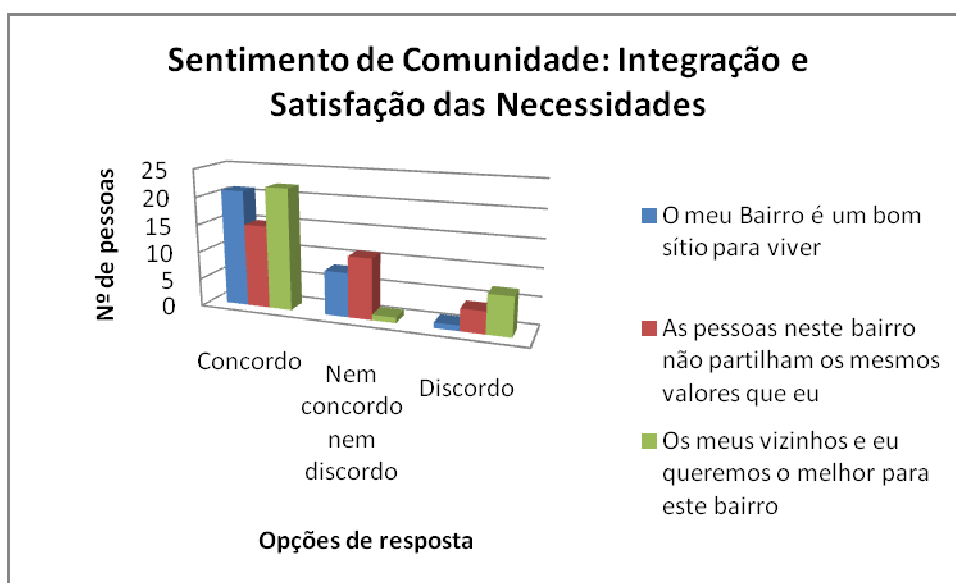


Gráfico 3 – 1ª subescala do Sentimento de Comunidade: Integração e satisfação das necessidades

Relativamente à subescala *fazer parte de* a grande maioria dos colaboradores do nosso estudo, conhecem a maioria das pessoas que vivem no bairro, sente-se em casa no mesmo e que são reconhecidas pela vizinhança, (ver gráfico N.º 4).

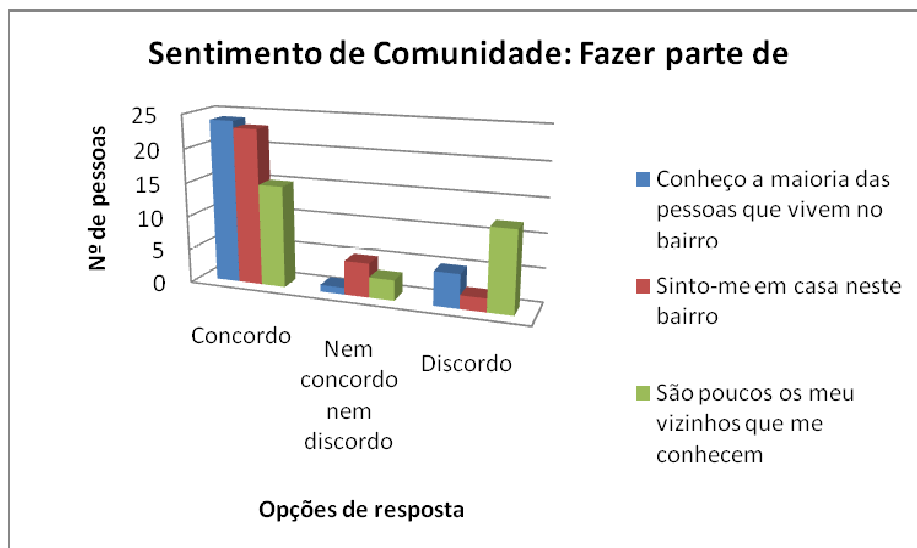


Gráfico 4 – 2ª subescala do Sentimento de Comunidade: Fazer parte de

Influência é a terceira subescala do Sentimento de Comunidade, onde também a grande maioria das pessoas afirma que se existir algum problema no bairro, os residentes conseguem resolvê-lo, contudo há uma divergência de opiniões quando questionados sobre a influência que reconhecem em si próprios sobre o que o bairro é e sobre a preocupação que sentem acerca do que os vizinhos pensam das suas ações. Ainda assim também uma grande percentagem de pessoas que não omite grande opinião em relação a esta questão (ver gráfico N.º 5).

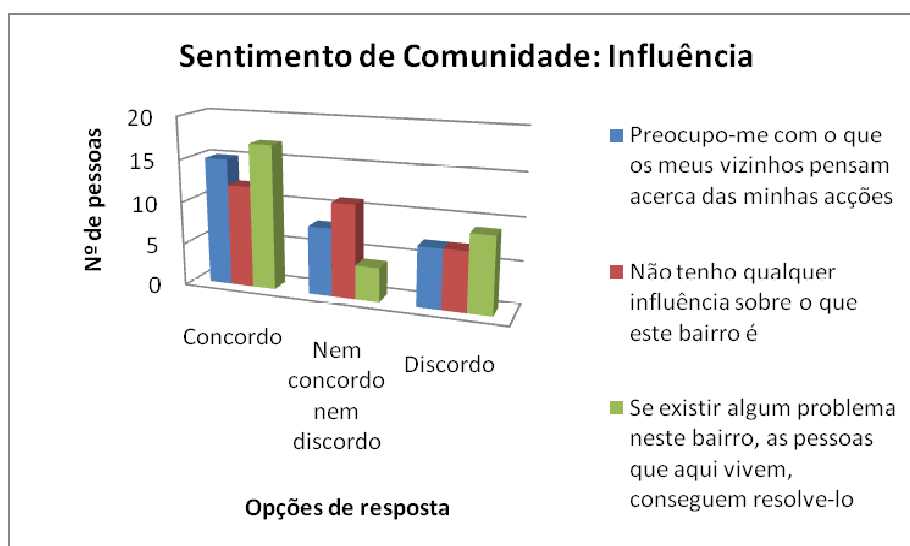


Gráfico 5 – 3ª subescala do Sentimento de Comunidade: Influência

Também é concordante na subescala *partilha de ligações emocionais* que a grande maioria das pessoas reconhece que é muito importante viver particularmente no bairro da Horta Nova e que esperam viver no bairro por muito tempo. As opiniões já são mais

divergentes quando questionadas sobre as relações entre vizinhos, onde a grande maioria afirma que as pessoas no bairro geralmente não se dão umas com as outras. Ainda assim, há alguns participantes que não manifestam grande opinião as questões desta escala, (ver gráfico N.º 6).

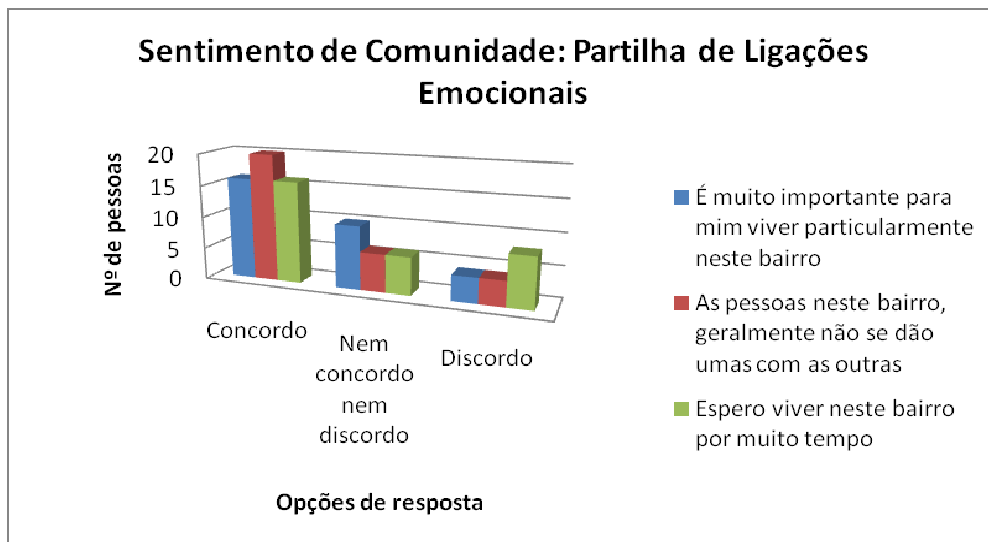


Gráfico 6 – 4ª subescala do Sentimento de Comunidade: Partilha de ligações emocionais

3. Vizinhança

Relativamente à categoria de *Vizinhança*, que contempla as questões 16ª à 21ª, onde são abordadas as questões do relacionamento entre os vizinhos, a grande maioria dos participantes respondeu afirmativamente demonstrando a existência de uma boa relação de vizinhança entre os participantes deste estudo. Muitos afirmam que prestam assistência à casa dos vizinhos quando estes se ausentam, que costumam emprestar coisas e / ou alimentos aos vizinhos quando estes precisam, que ajudam um vizinho numa emergência ao nível social ou de saúde, que prestam conselhos aos vizinhos sobre os problemas dos próprios, que abordam e discutem os problemas do bairro com os vizinhos e que consideram que os seus vizinhos fazem o mesmo por si (ver gráfico N.º 7).

É de salientar que esta categoria do questionário, foi a que obteve resultados mais elevados de concordância e satisfação, comprovando a existência de um forte relacionamento em vizinhança, que evidencia de facto a existência de um significativo Sentimento de Comunidade no Bairro da Horta Nova.

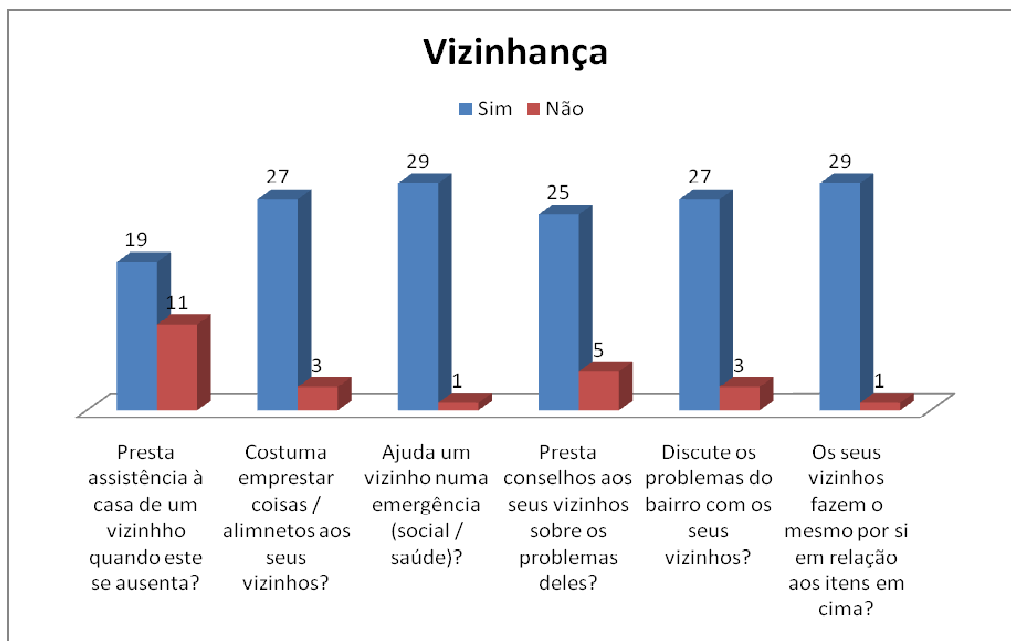


Gráfico 7 – Categoria Vizinhança

4. Percepção dos Problemas do Bairro

Quando questionados os participantes sobre os problemas existentes no bairro, a grande maioria reconhece que o principal e grave problema do bairro é o vandalismo, em seguida das pessoas que não cuidam do seu lote e das pessoas que não cuidam da sua habitação. Uma percentagem inferior mais igualmente significativa considera, que o tráfico de drogas e as acções dos jovens em torno de actos de vandalismo, também são um grave problema. Não distinguem como problema as ocupações abusivas às habitações e os assaltos as casas quando as pessoas se ausentam das mesmas, (ver gráfico N.º 8).

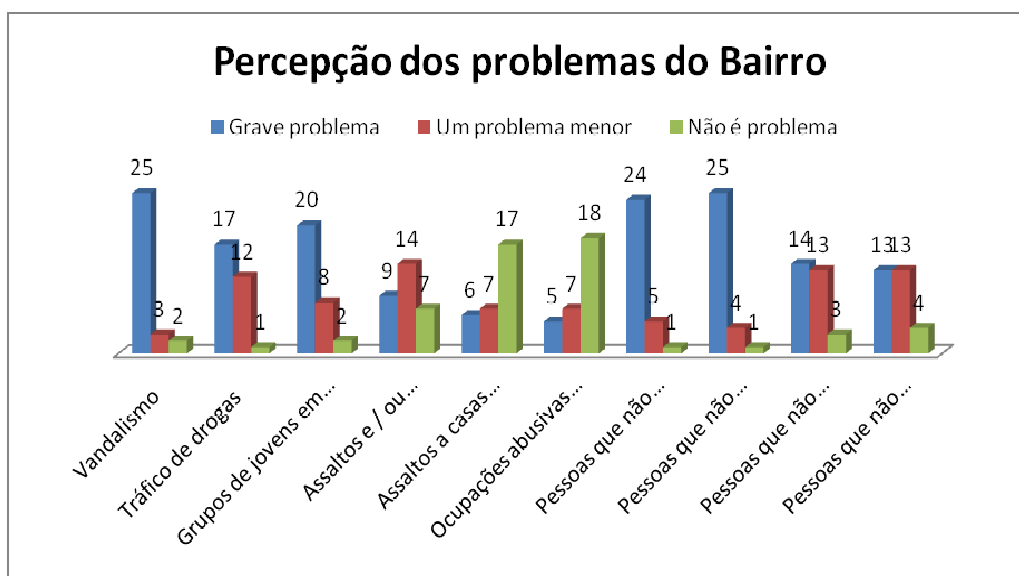


Gráfico 8 – Percepção dos problemas do bairro

Em matéria de segurança, incluída na categoria de *Percepção dos Problemas do Bairro* a grande maioria afirma-se muito seguro(a) e seguro(a) durante o dia quando sozinho(a) na rua ou em casa, aumentando a insegurança à noite, (ver gráfico N.º 9). De uma forma geral, é consensual entre os participantes que o bairro é relativamente seguro, aumentando a sua insegurança à noite quando sozinho(a) na rua.

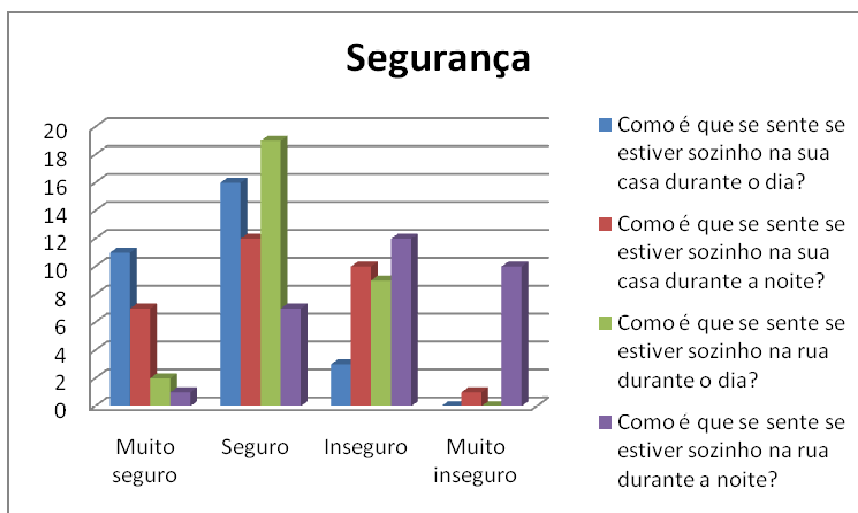


Gráfico 9 – Segurança no bairro

Quando questionados os participantes se já tinham sido vítima de algum crime nos últimos três anos no Bairro da Horta Nova a grande maioria responderam que não (27 sujeitos) e apenas três afirmaram sim.

5. Percepção das Actividades Associativas

Em relação à quinta categoria sobre a *Percepção das Actividades Associativas* no bairro, a maioria dos participantes, 77% (23 sujeitos) afirmam que existem actividades recreativas e / ou culturais promovidas pelas associações locais, em comparação com 23% (7) que afirmam que não existem actividades associativas no bairro. Ainda assim, 40% (12) afirmam que o bairro é moderadamente activo, 33% (10) dizem que é muito activo e oito indivíduos dizem que é pouco activo. Questionando os participantes se alguma vez participaram em actividades promovidas pela Associação de Moradores da Horta Nova, a maioria (57%) afirma que sim já participou em actividades promovidas pela Associação de Moradores e 43% dizem que não, nunca participaram nestas actividades. Dentro desta categoria foi igualmente perguntado aos colaboradores deste estudo, se estariam disponíveis para dispensar algum do seu tempo para a Associação de Moradores do Bairro, ao qual 83% responderam que sim e apenas cinco sujeitos disseram que não. Quando interrogados sobre se já alguma vez tinham participado em alguma reunião da Associação de Moradores, 60%

expuseram que não e 40% que sim. Só apenas quatro pessoas afirmaram que estão ou já estiveram como representantes da Associação de Moradores, comparativamente com os restantes 26 que nunca serviram como representante da Associação de Moradores. Em relação a representatividade perante outros grupos, como membros da Associação de Moradores, apenas três já desempenharam essa função. Mesmo assim, doze sujeitos proferiram que já tentaram recrutar novos elementos para a Associação de Moradores em relação a oito que nunca tentaram essa tarefa.

6. Percepção de Eficácia do Bairro

Em relação à última categoria do questionário, sobre a *Percepção de Eficácia do Bairro*, doze (com bastante) e onze (em parte) considera que o associativismo no bairro ajuda a melhorar as condições físicas do mesmo, como a higiene e segurança em comparação com 23% que não reconhecem qualquer papel no associativismo no bairro, não reconhecendo que ajuda a melhorar as condições do mesmo. Vinte e um participantes (11 bastante e 10 em parte) consideram que o associativismo do bairro promove / incentiva o Município a melhorar os serviços à população, em contrapartida que nove não reconhecem qualquer papel no associativismo do bairro nessa matéria. Noventa por cento da nossa amostra reconhece que o associativismo no bairro da Horta Nova promove o espírito de solidariedade no bairro entre as pessoas em contrapartida que os restantes 10% não reconhecem qualquer papel no associativismo do bairro em relação a esta matéria. Vinte e seis pessoas afirmam que o associativismo no bairro incentiva à redução da criminalidade (12 – bastante e 14 em parte) em comparação com os restantes quatro sujeitos que são da opinião que o associativismo no Bairro não incentiva à redução da criminalidade no bairro. Vinte e oito colaboradores da investigação acham que a Associação de Moradores do Bairro estimula e promove actividades no bairro que permitem as pessoas se conhecerem melhor umas às outras, sendo que dois participantes não reconhecem esse objectivo na Associação de Moradores. Interrogando os participantes sobre se o associativismo no bairro ajuda os moradores no encaminhamento dos seus problemas, 23 consideram que sim e sete não reconhecem essa faceta no associativismo do bairro. Vinte e seis pessoas consideram que o associativismo promove programas para as crianças, jovens e / ou idosos em relação a quatro que não consideram isso mesmo.

CONCLUSÕES E REFLEXÕES

No capítulo que se segue temos como objectivo, interpretar e reflectir teoricamente os resultados obtidos relativamente à questão de investigação colocada, fazendo a sua contextualização com a literatura.

Escolhemos como objecto de análise para a presente investigação, um dos valores da Psicologia Comunitária, o Sentimento de Comunidade, isto porque este conceito “tem assumido um papel central no campo da Psicologia Comunitária, nos últimos anos”. Este refere-se à qualidade do intercâmbio pessoal (relacionamento interpessoal) em prol de contextos saudáveis e sustentáveis a níveis pessoais e comunitários (Davidson e Cotter, 1991, p.246). Assim, a grande pertinência deste estudo assenta no contributo que proporciona para o Bairro da Horta Nova, no sentido em que estuda o índice de Sentimento de Comunidade existente e os seus principais contributos daí resultante.

O Bairro da Horta Nova é um bairro de realojamento social, onde o Sentimento de Comunidade está relacionado com a satisfação face ao bairro, com as boas e positivas relações de vizinhança, com a participação e envolvimento comunitário e com a percepção de eficácia do bairro. Segundo Sarason em 1974 o Sentimento de Comunidade está relacionado com o facto de se pertencer a um grupo ou uma comunidade, no qual as pessoas se consideram elas próprias como similares, agindo de forma interdependente para a satisfação das suas necessidades (cit. por Prezza e Constantini, 1998, p.181).

Nesta investigação, onde comprovamos a existência de um sentimento de identidade lugar no Bairro da Horta Nova, os membros a que os autores teóricos se referem, a este nível dizem respeito aos moradores do bairro. Pois para os autores McMillan e Chavis, o Sentimento de Comunidade corresponde à “percepção que os membros têm de pertencerem a algo, à percepção e à necessidade dos membros se relacionarem e partilharem, com os outros elementos” (McMillan e Chavis, 1986, p. 9).

McMillan em 1976 definiu o Sentimento de Comunidade como o “sentimento que cada membro tem de pertencer a algo, sendo importante para cada elemento, partilhar a confiança com os restantes membros” (cit. por McMillan e Chavis 1986, pp. 1).

Desta forma, através deste estudo pretendemos dar resposta à questão principal de investigação, bem como, as questões de investigação subjacentes. Para tal, recorreremos a uma análise estatística descritiva dos dados, onde foram analisadas as

variáveis que consideramos pertinentes para a caracterização da nossa população alvo (sexo, idade, nacionalidade, grau de escolaridade e tempo de residência do bairro).

Para esta investigação optamos, por recolher os nossos dados estatísticos com um grupo de participantes, moradores do Bairro da Horta Nova, para consolidação de objetivos profissionais e académicos, e também porque a Horta Nova corresponde a um bairro de realojamento social de Lisboa, relativamente recente com cerca de 10 anos de existência, na sua vertente de “bairro novo”, ou seja, com a construção dos lotes e destruição das barracas.

Durante o nosso estudo procedeu-se à análise dos dados de forma descritiva, como o cálculo da média, mediana, moda, desvio padrão, variância, mínimo, máximo, frequência e percentagem, relativamente à amplitude, frequência e direcção das categorias correspondentes ao Sentimento de Comunidade, num grupo de residentes do Bairro da Horta Nova. Os resultados foram analisados item a item por cada categoria que compunham o questionário, para melhor compreender as diferenças encontradas ao longo do grupo.

Tendo em consideração o objectivo que nos é proposto, ou seja, perceber se existe ou não Sentimento de Comunidade no Bairro da Horta Nova, iremos começar por fazer uma análise relativamente à caracterização dos participantes, onde iremos referir aspectos relevantes e de seguida analisaremos separadamente as categorias do questionário, confrontando sempre com a teoria.

Assim, como já foi referido, a nossa amostra é composta por 30 participantes no total, 18 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. O escalão etário mais predominante situa-se entre os 45 e os 64 anos de idade (50%), sendo que o escalão minoritário situa-se entre os 65 e os 74 anos (3%). O escalão dos jovens, ou seja, aqueles que se encontram entre os 15 e os 34 anos de idade correspondem a 30%. A restante percentagem (17%) situa-se entre os 35 e os 44 anos de idade. Não há uma grande representatividade da população juvenil do Bairro da Horta Nova no nosso estudo, comparativamente com a média etária do bairro, na ordem dos 29 anos de idade, apurada no estudo em 1999 pelo Professor Roque Amaro, sendo que uma possível explicação para isso será a pouca disponibilidade dos mais jovens para participarem neste tipo de acções, comparativamente com as pessoas mais velhas que tem sempre mais disponibilidade, para falarem sobre o bairro.

Importa relacionar esta categoria do escalão etário com a categoria seguinte, da escolaridade e verificar que participantes tendo em consideração as suas idades, ou seja, a maioria entre os 45 e 60 anos tem o grau de escolaridade correspondente até ao 1º ciclo (a maioria, 33% tem menos que o 1º ciclo, ou seja, menos que antiga chamada 4ª classe, em seguida daqueles que possuem o 1º ciclo, 27%). Apenas três indivíduos (10%) têm ou estão a frequentar o secundário. O grau de escolaridade nesta amostra é relativamente baixo, de poucas qualificações ao nível da educação.

Relativamente à nacionalidade dos participantes, a maioria é de origem Portuguesa com 77% e os restantes dividem-se entre a Cabo-verdiana (13%) e a Angolana (10%), sendo que estes resultados são semelhantes aos da população em geral no Bairro Horta Nova, como é possível observar através da mais recente caracterização sócia demográfica elaborada no Bairro em 1999, onde a maioria dos moradores é de nacionalidade Portuguesa em seguida da Africana. Importa referir que dentro desta percentagem de moradores de nacionalidade Portuguesa, existem imigrantes de 2ª geração que por nascerem em Portugal já adquirem a nacionalidade e estão dentro deste leque.

Relativamente ao tempo de residência no Bairro da Horta Nova, a grande maioria da amostra, 77% reside no Bairro Horta Nova há mais de dez anos, cinco sujeitos entre os 5 e os 10 anos e dois há menos de 2 anos. Este dado poderá ser revelador de um maior índice de Sentimento de Comunidade, como os resultados do nosso estudo vieram demonstrar, onde efectivamente no Bairro da Horta Nova existe um significativo sentimento de pertença ao bairro.

Respondendo agora a questão de investigação, iremos tentar responder a mesma com base na literatura referenciada. Assim, a principal questão de investigação prende-se com o grande objectivo deste estudo, ou seja, a averiguação da existência do Sentimento de Comunidade na Horta Nova. Será que o facto, de se pertencer e identificar-se com o bairro de residência, ou simplesmente, perceber o Sentimento de Comunidade, se reflecte em vários benefícios e contributos.

Com este valor significativamente elevado, podemos fazer a ponte de ligação com a prática e a teoria. Deste modo, quanto maior for a intensidade dos elementos que identificam e definem as qualidades específicas do Sentimento de Comunidade, como, o fazer *parte de, influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais* em relação a uma comunidade de residência, maior serão os benefícios quer a nível individual, quer a nível comunitário. Assim, a nível individual,

verificamos que a nossa amostra analisa-se como parte do bairro, nem que seja como, estrutura integrante da própria dinâmica do bairro. Apresenta igualmente fortes ligações emocionais em relação aos seus vizinhos, podendo desta forma satisfazer as suas próprias necessidades. Contudo, já não consideram-se como parte fundamental para a resolução dos problemas comunitários, delegando essa função nas instituições locais, onde reconhecem poder de decisão e influência.

Relativamente, ao benefício de um maior índice de Sentimento de Comunidade, em termos comunitários, podemos referir que o Bairro da Horta Nova, apesar de ter moradores pouco envolvidos na resolução dos problemas comunitários, é um grupo bastante reactivo e protestante no que concerne à identificação do que está mal no bairro.

Os participantes enumeram uma série de problemas no bairro, efectuem várias críticas face ao bairro, mas não há uma participação efectiva e activa na resolução dos problemas, evocando para isso várias razões, como por exemplo: não terem tempo e as instituições serem pouco receptivas a este envolvimento, escondendo nestas respostas o não reconhecimento nelas próprias de competências e habilidades para a resolução dos mesmos, acabado por identificar nas associações locais do bairro esse papel, deixando nelas próprias o poder para a identificação e resolução dos problemas do bairro.

De uma maneira geral, os colaboradores do nosso estudo são muito activos e eficazes na identificação dos problemas comunitários, mas pouco activos para o envolvimento e resolução dos mesmos, deixando essas funções nas instituições locais com poder e influência para isso. Este facto demonstra a importância do associativismo em vários contextos, principalmente em contexto habitacional. O associativismo a este nível é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne um grupo de pessoas ou instituições em prol dos objectivos e benefícios da comunidade em termos habitacionais.

Segundo Amaro (2007) o Sentimento de Comunidade ajuda as organizações e instituições a: identificar as necessidades e a estabelecer prioridades das comunidades; avaliar a saúde global das comunidades; valorizar os bairros individualmente e a cidade como um todo; desenhar e avaliar intervenções sociais, económicas e de promoção da saúde; planear novas comunidades e fortalecer as existentes.

Neste grupo de participantes, de reduzida dimensão, onde é arriscado generalizar para a população em geral do Bairro, verifica-se que apesar de ser um bairro de realojamento social, relativamente recente, na sua vertente de “bairro novo” onde ainda se encontra em fase de construção e intensificação as relações de vizinhança e a identificação ao lugar de residência, um significativo índice de Sentimento de Comunidade. O que pode ser justificado pelo facto, do realojamento no Bairro da Horta Nova ter correspondido a um realojamento local, do “bairro velho” para o “bairro novo”, com a erradicação das barracas e construção de edifícios na vertical no mesmo espaço geográfico, mantendo os mesmos moradores. E também pela lógica de construção “endógena”, virada para si própria, a partir de um núcleo interno, facilitando a emergência de um maior sentimento de pertença ao bairro.

Contudo esta lógica de realojamento e construção arquitectónica, característica nos bairros municipais também ajuda a desenvolver contextos comunitários “fechados” neles próprios, criando condições para a guetização deste espaço em proporções consideráveis. Assim, e porque os bairros sociais são uma realidade remota aos anos 50/60, avalia-se este tipo de investigações necessárias para desmistificar ideias e estereótipos em relação aos bairros sociais como potenciais *focus* problemáticos, sem suporte e capital social.

O dado das pessoas apresentarem maior Sentimento Comunidade para com um grupo e um bairro reflecte-se num maior sentimento de pertença, num maior sentimento de controlo e influência sobre o grupo, possibilitando deste modo, uma satisfação real das necessidades tendo em conta as capacidades do grupo e a história em comum, possibilita também uma ligação emocional e um investimento do grupo.

A melhoria da qualidade e satisfação de vida percebida também através do sentimento de pertença a uma comunidade é directamente influenciada por componentes específicas e dominantes da vida, como, a família, amigos, escola, próprio, vizinhos e bairro.

Segundo Huebner (2004, p. 6) a importância de manter níveis de qualidade e satisfação de vida revela experiências positivas que funcionam como recursos para proteger a saúde, tais como: a participação activa na comunidade, o envolvimento efectivo em organizações políticas e a mobilização comunitária em torno dos problemas sociais, afastam por completo níveis baixos de depressão, rejeição pessoal, solidão, comportamentos agressivos, consumo de álcool e abuso de substâncias químicas.

Assim, os fenómenos resultantes do envolvimento cívico e da participação comunitária no bairro de residência permitem além do real entendimento da noção de comunidade, resulta num excelente mecanismo para a identificação e resolução dos problemas comunitários, para a emergência do sentimento de pertença e para o desenvolvimento de um maior nível de “coesão e bem-estar proporcionado pelo envolvimento dos membros de uma comunidade no decurso dos processos de mudança.” (Ornelas, 1998, p. 5).

“O Sentimento de comunidade e de pertença em relação a uma vizinhança, a preocupação demonstrada pelos outros e o acreditar que alguém se preocupa com o (a) próprio (a) são atitudes cruciais que podem apoiar ou desencorajar a participação. Se o nosso objectivo for a compreensão do envolvimento cívico e da participação comunitária, as associações de moradores deveriam ser vistas como pontos centrais para a nossa intervenção, pois oferecem aos cidadãos a oportunidade de discutir os problemas da comunidade com os seus outros vizinhos.” (Ornelas, 2002, p. 11).

Cada vez mais, apuramos uma maior organização e mobilização das comunidades em tornos dos seus próprios problemas e necessidades, com base nas suas próprias potencialidades e recursos. Este envolvimento e participação comunitária dos cidadãos de uma localidade específica, nos processos de decisão a favor da comunidade, contribuem significativamente para o aumento do sentimento de pertença e identidade de comunidade. O que revela que o Bairro da Horta Nova, onde existe um significativo índice de Sentimento de Comunidade, é um contexto comunitário propício a uma maior participação e envolvimento dos moradores.

O envolvimento cívico e o Sentimento de Comunidade que se cruzam com os mecanismos da participação, *empowerment* e liderança comunitária, a nível local, funcionam como mecanismos conducentes a um maior índice de satisfação e qualidade de vida dos indivíduos.

Assim, os fenómenos resultantes do envolvimento cívico e da participação comunitária no bairro de residência permitem além do real entendimento da noção de comunidade, resulta num excelente mecanismo para a resolução dos problemas comunitários, para a emergência do sentimento de pertença e para o desenvolvimento de um maior nível de qualidade e satisfação de vida proporcionada pelo envolvimento dos membros de uma comunidade no decurso dos processos de mudança social.

Na cidade de Lisboa, onde existem 67 bairros municipais de realojamento social, reconsidera-se então adequado, uma maior intervenção de programas de base comunitária com toda a população, no sentido de se trabalhar uma maior relação com os vizinhos e com o bairro, para uma maior integração social e para a construção e intensificação do Sentimento de Comunidade, essencial à construção de comunidades saudáveis e sustentáveis.

Isto porque, o Sentimento de Comunidade é uma componente vital de uma comunidade sustentável e saudável (Sarason, 1974; Chavis & Pretty, 1999). Em muitas comunidades as pessoas estão a perder o seu sentimento de comunidade, com as tendências actuais dos movimentos migratórios, da desertificação rural, da decadência urbana e do aumento da mobilidade, que contribui para que muitos membros das comunidades não se sintam fortemente ligados aos seus contextos de pertença. O Sentimento de Comunidade está no centro de todos os esforços para fortalecer e construir uma comunidade, nascendo de um propósito colectivo que valoriza a diversidade cultural, bem como a singularidade (Sarason, 1974).

Para terminar, gostaríamos ainda de incluir neste capítulo as principais limitações que nos fomos deparando ao longo investigação, nomeadamente no que diz respeito: a uma amostra de investigação reduzida, para se fazer quaisquer generalizações para a população residente no Bairro da Horta Nova, mas por limitações ao nível do tempo não podemos alargar este número; às dificuldades de compreensão das questões do questionário por parte dos colaboradores, sendo a linguagem pouco cuidada e acessível aos nossos participantes. Nestas circunstâncias, a investigadora tinha que reforçar várias vezes as opções de resposta disponíveis, uma vez que as pessoas não assumiam as possibilidades de respostas existentes como possíveis opções (questionário fechado e longo); à pouca disponibilidade das pessoas em responderem ao questionário; ao modo de recolha dos dados na rua, que apesar de ser positiva a aplicação do questionário no contexto natural, as pessoas estavam pouco concentradas e eram levadas a responder de uma forma “politicamente correcta” aquando na presença de outros vizinhos.

Desta forma, reconhecendo as limitações do presente estudo, sugerimos para futuras investigações nesta área: o aumento da amostra, para se tornar representativa da população residente do Bairro da Horta Nova; a alternância entre o questionário fechado e aberto, para melhor reflectir as opiniões dos moradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaro, J., P., (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: Uma Revisão. *Análise Psicológica*.1 (XXV), 25-33.
- Bess, K.; Fisher, A.; Sonn, C. & Bishop, B., (2002). *Psychological Sense of Community: Theory, Research and Application*. Psychological Sense of Community Research, Applications and Implications. Edited by: Adrian F.; Christopher S.; Brian B. Plenum Publishers: New York.
- Dalton, J. e Elias, M. (2001).What is Community Psychology. *Community Psychology linking individual and communities*. (pp.3-25). Wadwarth: Thomson Learning.
- Dalton, J., Elias, M., e Wandersman (2001). Understanding Sense of Community. *Community Psychology linking individual and communities*. (pp.186-217). Wadwarth: Thomson Learning.
- Davidson, W., B., & Cotter, P., R., (1991), The Relationship Between Sense of Community and Subjective Well Being: A First Look. *Journal of Community Psychology*, 19, (3), 246-253.
- Heller, K., (1989). The Return to Community. *American Journal of Community Psychology*, 17, (1), 1-15.
- Kelly. J., (2003). Science and Community Psychology: Social Norms for Pluralistic Inquiry. *American Journal of Community Psychology*, 31, (3 / 4), pp. 213 - 217.
- Kingston, S., Mitchell, R. e Florin, P. e Stevenson, J., (1999). Sense of Community in Neighbourhoods as a Multi-Level Construct. *Journal of Community Psychology*. 27, (6), 681-694.
- Long, D. A., & Perkins, D. D. (2003). Confirmatory Factor Analysis of the Sense of Community Index and Development of a Brief SCI. *Journal of Community Psychology*, 31, 279 – 296.
- McMillan, D. W. (1996). Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 24, (4), 315-325.
- McMillan, D. & Chavis, D. (1986). Sense of Community: A Definition and Theory. *American Journal of Community Psychology*, 14, (1), 6-23.
- Ornelas, J. (1998). *II Congresso Europeu de Psicologia Comunitária: Sessão de Abertura*. Comunicação apresentada no II Congresso Europeu de Psicologia Comunitária. (pp.3-7). Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa.
- Ornelas, J. (2002). *Participação, Empowerment e Liderança Comunitária*. Comunicação apresentada na III Conferência Desenvolvimento Comunitária e Saúde Mental. (pp.5-13). Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa.
- Ornelas, J., (2008). Sentimento de Comunidade e capital Social. *Psicologia Comunitária*. Fim de Século: Lisboa.

- Pretty, G., Andrewes, L., Collet, C., (1994). Exploring Adolescents' Sense of Community and its Relationship to Loneliness. *Journal of Community Psychology*, 22, (4), 346-358.
- Prezza, M. & Constantini, S. (1998). Sense of Community and Live Satisfaction: Investigation in Three Different Territorial Contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 8, 181-194.
- Prezza, M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi, G., (2001). Sense of Community Referred to the Whole Town: Its Relations With Loneliness, Life Satisfaction and Area of Residence. *Journal of Community Psychology*, 29, (1), 29-52.
- Price, R. & Behrens, T., (2003). Working Pasteur's Quadrant: Harnessing Science and Action for Community Change. *American Journal of Community Psychology*, 31, (3 / 4), pp. 219 – 223.
- Royal, M. A. e Rossi, R. J. (1996). Individual – Level Correlates of Sense of Community: Findings from Workplace and School. *Journal of Community Psychology*, 24, (4), 395-416.
- Sanchez-Vidal, A. (1998). Concepto de (la) Comunidad. In Alípio Sanchez-Vidal (ed.), *Psicología Comunitaria: Bases Conceptuales y Métodos de Intervención*. (pp. 59-82). Barcelona: PPPU.
- Sarason, S. (1974). The Perception and Conception of a Community. *The Psychological Sense of Community: Prospects for a Community Psychology*. (130-160). San Francisco: Jossey-Bass.
- Sarason, S., (2003). The Obligations of the Moral-Scientific Stance. *American Journal of Community Psychology*, 31, (3 / 4), pp. 209 – 211.
- Shinn, M., (2007). Contextos Comunitários favoráveis ao bem-estar. *Análise Psicológica*.1 (XXV), 35-61.
- Tennent, L., Farrell, A., Tayler, C., (2005). Social Capital and Sense of Community What do They Mean for Young Children's Success at School? (pp. 1-13)
- Wandersman, A., (2003). Community Science: Bridging the Gap between Science and Practice with Community-Centered Models. *American Journal of Community Psychology*, 31, (3 / 4), pp. 227 – 242.

Anexo 1 – Bairro da Horta Nova







Anexo 2 – Instrumento de Dados

Consentimento Informado e Esclarecido

O meu nome é Susana Sofia Elvas e actualmente estou a concluir o meu mestrado em Psicologia Comunitária no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

A nossa tese de investigação é sobre o “*Sentimento de Comunidade no Bairro da Horta Nova*”. O objectivo principal deste questionário é recolher informação dos moradores para ajudar a responder à questão principal desta tese de mestrado.

Para tal, necessito que responda ao seguinte questionário, garantindo a confidencialidade e o anonimato (ninguém terá conhecimento sobre quem respondeu a este questionário). No final do estudo, divulgaremos os resultados à população do bairro.

Desde já agradeço a sua colaboração, sem a qual não seria possível a realização deste estudo.

Caracterização Demográfica

Sexo: Feminino___ Masculino___

Idade:

Nacionalidade:

Grau de Escolaridade: Menos 1º Ciclo___ 1º Ciclo___ 2º Ciclo___ 3º Ciclo___
Secundário___ Licenciatura___ Bacharelato___ Mestrado___
Doutoramento___

Há quanto tempo vive no bairro: Menos de 2 anos___ 2 a 5 anos___ 5 a 10 anos___
Mais de 10 anos___

Índice de Sentimento de Comunidade⁵

SATISFAÇÃO FACE AO BAIRRO

De um modo geral, como é que se sente no que diz respeito à satisfação face ao bairro, (como local de residência)?

1. Comparando o seu bairro com outros que conhece, no geral pode considerar que o seu bairro é:

- a)... Um bom sítio para viver;
- b)... É o pior sítio para viver;
- c)... É idêntico.

2. Nestes últimos 10 anos as condições gerais do seu bairro (e.g. segurança, higiene, etc.):

- a)... Pioraram;
- b)... Permaneceram praticamente na mesma;
- c)... Melhoraram;

3. Nos próximos 2 anos, acha que as condições gerais (e.g. segurança, higiene, etc.) do seu bairro vão:

- a)... Piorar;
- b)... Vão ficar na mesma;
- c)... Vão melhorar;

SENTIMENTO DE COMUNIDADE

As afirmações seguintes referem-se ao Sentimento de Comunidade relativamente ao seu Bairro. Gostaria que me respondesse, apenas com uma das seguintes opções:

	Concordo	Nem concordo Nem	Discordo
--	----------	------------------------	----------

⁵ Long, D. A., & Perkins, D. D. (2003). Confirmatory Factor Analysis of the Sense of Community Index and Development of a Brief SCI. *Journal of Community Psychology, 31*, 279 – 296. Traduzido e adaptado por Susana Sofia Elvas, Fevereiro de 2009, Mestrado em Psicologia Comunitária, Lisboa: ISPA.

		Nem discordo	
4. <i>O seu bairro é um bom sítio para viver.</i>			
5. <i>As pessoas neste bairro não partilham os mesmos valores que os seus.</i>			
6. <i>Os seus vizinhos e você querem o melhor para o bairro.</i>			
7. <i>Conhece a maioria das pessoas que vivem no bairro.</i>			
8. <i>Sente-se em casa neste bairro.</i>			
9. <i>São poucos os seus vizinhos que a conhecem.</i>			
10. <i>Preocupa-se com o que os seus vizinhos pensam acerca das suas acções.</i>			
11. <i>Não tem qualquer influência sobre o que este bairro é.</i>			
12. <i>Se existir algum problema neste bairro, as pessoas que aqui vivem, conseguem resolve-lo.</i>			
13. <i>É muito importante para si viver particularmente neste bairro.</i>			
14. <i>As pessoas neste bairro, geralmente, não se dão umas com as outras.</i>			
15. <i>Espera viver neste bairro por muito tempo.</i>			

VIZINHANÇA

Quero agora, que me responda às seguintes afirmações, com uma das seguintes opções:

	Sim	Não
16. <i>Presta assistência à casa de um vizinho quando este se ausenta?</i>		
17. <i>Costuma emprestar coisas/alimentos aos seus vizinhos?</i>		
18. <i>Ajuda um vizinho numa emergência (social/saúde)?</i>		

19. Presta conselhos aos seus vizinhos sobre os problemas deles?		
20. Discute os problemas do bairro com os seus vizinhos?		
21. Os seus vizinhos fazem o mesmo por si, em relação aos itens em cima?		

PERCEÇÃO DOS PROBLEMAS DO BAIRRO

Diga-me agora se considera cada um dos seguintes aspectos, como um grave problema, um problema menor ou não há problema nenhum para o seu bairro.

	Grave Problema	Um Problema Menor	Não é Problema
22. Vandalismo (e.g. partir janelas e/ou portas; pinturas nas paredes...).			
23. Tráfico de droga.			
24. Grupos de jovens em torno de acções de vandalismo.			
25. Assaltos e/ou agressões na rua.			
26. Assaltos as casas quando as pessoas estão para fora.			
27. Ocupações abusivas das casas.			
28. Pessoas que não cuidam da habitação.			
29. Pessoas que não cuidam do lote.			
30. Pessoas que não cuidam da rua/largo.			
31. Pessoas que não cuidam dos espaços verdes do bairro.			

Diga-me como é que se sente em relação a seguinte categoria, seleccionado apenas uma das seguintes opções:

	Muito Seguro (a)	Seguro (a)	Inseguro (a)	Muito Inseguro (a)

32. Como é que se sente se estiver sozinho(a) na sua casa durante o dia?				
33. E se tiver sozinho(a) em sua casa à noite?				
34. Como é que se sente se estiver sozinho(a) na rua durante o dia?				
35. E se tiver sozinho(a) na rua à noite?				
	Sim		Não	
36. Foi vítima de algum crime nos últimos 3 anos dentro do bairro?				
37. Se sim, qual ou quais?				
38. Há quanto tempo foi?				

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES ASSOCIATIVAS

Como avalia a sua participação em actividades associativas desenvolvidas no Bairro.

		Sim	Não
39. Há actividades recreativas e/ou culturais promovidas pelas associações do Bairro?			
	Muito Activo(a)	Moderadamente Activo(a)	Pouco Activo(a)
40. Acha que este bairro em termos associativos é:			
	Sim		Não
41. Alguma vez participou em actividades promovidas pela Associação de Moradores do Bairro?			
42. Alguma vez organizou ou ajudou a organizar actividades para a Associação de Moradores?			
43. Estaria disponível para dispensar			

<i>algum tempo para a Associação de Moradores do seu Bairro?</i>		
<i>44. Já participou em alguma reunião da Associação de Moradores?</i>		
<i>45. Já esteve ou está como membro da Associação de Moradores?</i>		
<i>46. Já serviu como representante da Associação de Moradores para outros grupos?</i>		
<i>47. Já tentou recrutar novos elementos para a Associação de Moradores?</i>		

PERCEÇÃO SOBRE A EFICÁCIA DO BAIRRO

**Como é que avalia o desempenho do associativismo no Bairro da Horta Nova?
Alcança cada um dos seguintes aspectos:**

	Bastante	Em Parte	Pouco
<i>48. Ajuda a melhorar as condições físicas do bairro, como a higiene, segurança, etc.</i>			
<i>49. Incentiva o Município a melhorar os serviços à população.</i>			
<i>50. Promove o espírito de solidariedade no bairro entre as pessoas.</i>			
<i>51. Incentiva à redução da criminalidade no bairro.</i>			
<i>52. Estimula actividades associativas no bairro que permitam as pessoas se conhecerem melhor umas às outras.</i>			
<i>53. Ajuda os vizinhos no encaminhamento dos seus problemas.</i>			
<i>54. Promove programas para crianças, jovens e/ou idosos.</i>			

Obrigada pela sua colaboração!